

Ano 13 – Nº 67 – 2010 – CIRCULAÇÃO DIRIGIDA – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Biodiversidade protegida: o mundo se une para conjugar desenvolvimento e uma convivência pacífica com a natureza



www.appai.org.br



Bullying: a farsa do valentão

Maria Irene Maluf*

Ao contrário da brincadeira entre iguais, onde a intenção não reside em agredir, perseguir, dominar por meio de ameaças verbais, físicas ou psicológicas, toda ação do chamado *Bullying* intenciona antes de tudo demonstrar poder sobre o outro: excluir, tyrannizar, discriminar de modo proposital uma pessoa ou um grupo minoritário (os “diferentes”) e aparentemente sem motivo.

Normalmente os “diferentes” constituem um grupo menor, mais fraco, com mais pontos vulneráveis, que se prestam facilmente aos desejos dos valentões de agredir gratuitamente, mas de forma persistente. Por medo de se tornarem vítimas, os espectadores não interferem nem buscam ajuda para os colegas que são intimidados e ofendidos por um agressor ou um grupo de agressores. A vítima, em geral, não reage, não faz alarde da sua situação, pois tem medo de piorá-la.

As crianças que sofrem *Bullying* voltam frequentemente para casa com pequenos e variados machucados, perdem materiais escolares, choram, tornam-se tristes, mas dificilmente contam aos pais o que ocorre com elas. Muitos não querem mais ir à escola e tornam-se alunos medianos, pessoas inibidas e adultos inadequados socialmente. O agressor normalmente aprendeu a ser agressivo com os adultos de sua família, ou com as pessoas com quem convive, e acredita que usar um comportamento semelhante vai resolver seus problemas.

Aos professores cabem a leitura, o estudo, o debate desse problema, a comunicação com os demais profissionais da escola, com uma equipe multidisciplinar que venha dar-lhes maiores subsídios e manter uma postura de atenção e observação constante sobre seus alunos. À escola cabe, entre outras coisas, promover um bom entrosamento com as famílias de seus alunos. O que não se pode nunca é calar, fugir, fingir que nada acontece, pois, contra ameaças desse tipo, apenas um grande alarde pode enfraquecer os agressores. E sempre procurar ajuda para cortar o ciclo vicioso da agressividade gratuita. Na escola ou fora dela.

* **Maria Irene Maluf** é Pedagoga especialista em Educação Especial e Psicopedagogia.



Aproveitando os talentos de todas as gerações

Jaqueline Silveira Mascarenhas*

Até bem pouco tempo, as oportunidades que um recém-formado da graduação encontrava para entrar no mercado de trabalho, com grande poder de escolha, eram amplas. Havia várias ofertas de trabalho, inúmeras formas de atraí-lo, diversos modos de retê-lo. Mesmo antes da conclusão do curso, esses chamados jovens talentos, que fazem parte da Geração Y, eram recrutados, selecionados, contratados e retidos pelas empresas a preço de ouro.

De um lado havia uma juventude sedenta por um enriquecimento rápido, remuneração atrativa e a possibilidade de fazer escolhas em um curto espaço de tempo. De outro, a empresa querendo sangue novo e a oportunidade de treinar e desenvolver estes recém-saídos da faculdade. Até aí tudo bem. Mas, numa economia competitiva e sempre às voltas em situações corporativas de impactos e proporções globais, as relações já não aparentam tanta harmonia assim.

Os reflexos da crise econômica de 2008, que a princípio atingiu apenas o mercado financeiro, logo se fizeram sentir na produção de bens e serviços, o que provocou um efeito dominó nas demissões e a redução de novos postos de emprego. Passado o susto, verificamos que as empresas estão atravessando situações complexas e conflituosas internamente – as crises inter-relacionais. É que no mesmo ambiente de trabalho em que se encontra uma nova moçada – com sólidos conhecimentos acadêmicos, tecnológicos e muitas ideias –, há também um outro grupo de profissionais nem tão novos assim em termos de idade e tempo de experiência, mas que cresceram com um outro modelo de agir e pensar a organização. E esta nova relação ainda não está devidamente afinada, pois são gerações diferentes em suas concepções e ações, que convivem entre si e dividem propósitos de vida e carreira. Neste contexto perdem todos: empresas, profissionais e processos. Fica o desafio para os gestores das empresas e de recursos humanos, que é o de traçar caminhos e possibilidades de conciliação, aproveitando os talentos de todas as gerações. Sejam elas da chamada geração X, Y e quem mais virá.

* **Jaqueline Silveira Mascarenhas** é Psicóloga e coordenadora do Ibmec Carreiras MG, setor de orientação de carreiras do Grupo Ibmec Educacional.



Educar uma criança é prepará-la para o imprevisível

Vivien Santa Maria*

A pedra de toque de uma escola é a maneira como as noções são ensinadas e não a quantidade de conhecimentos transmitidos. Para testar se a criança está aprendendo com inteligência, os pais devem perguntar, a propósito de qualquer solução ou resposta, o porquê. Se ela não sabe explicar, provavelmente, não está usando a inteligência da melhor forma.

E como estimular a criança a usar a inteligência? Os pais e os educadores devem sempre estimular questionamentos: “Como será que o sol se esconde e nasce diariamente? Por que a Terra parece parada e o sol andando?”. E não dar explicações “gratuitas”, como “o sol está parado e a Terra é que gira”. Respostas assim só atrasam o desenvolvimento mental. O melhor é fazer perguntas, propor hipóteses, duvidar das soluções sugeridas pelas crianças.

Com imaginação e paciência, os pais devem suscitar controvérsias e forçar a discussão do assunto, ao longo dos dias. Assim, o problema permanece na mente infantil por muito tempo, exigindo que o pensamento encontre uma equilíbrio própria. A grande habilidade e desafio do educador são exatamente fazer um problema permanecer presente. Enquanto a criança estiver ocupada, produzem-se variadas coordenações mentais. E isso é inteligência.

Quando o educador se empenha em desenvolver a inteligência, não “entulha” a mente da criança com um grande volume de informações. Jean Piaget afirma que educar uma criança é prepará-la para inventar (Matemática) e para descobrir (Física). A ciência já feita não tem a menor importância para este tipo de educação tradicional.

Se a intenção é educar uma pessoa tendo em vista o futuro, não se pode recorrer a nenhum modelo conhecido, pois o futuro é hipotético. Como educar, então? Preparando a criança para enfrentar o imprevisível, desenvolvendo sua inteligência e ensinando-a a resolver problemas. O questionamento permanente sobre o que nos cerca é o que desenvolve a inteligência.

* **Vivien Santa Maria** é psicóloga pela UFRJ e pedagoga pela PUC; uma das fundadoras da Escola Pólen, no Rio de Janeiro, que, há 33 anos, segue a linha piagetiana.



Conselho Editorial
Ednaldo Carvalho
Júlio Cesar da Costa

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo (M.T. RJ 22685JP)

Coordenação Pedagógica
Rebeca Carvalho

Colaboração
Cláudia Sanches, Sandra Martins, Tony Carvalho,
Marcela Figueiredo e Wellison Magalhães

Fotografia
Marcelo Ávila, Fábio Lacerda
e Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade
Bimestral

Tiragem
70.000 (setenta mil)

Impressão
Gráfica Ediouros

Produção
Jatobá do Rio Assessoria de Comunicação Ltda.

Distribuição
Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/222
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:
www.appai.org.br
Tel.: (21) 3983-3200

Nas ondas do Rádio

Museu do Rádio Rio de Janeiro

Antônia Lúcia

Uns afirmam que a primeira transmissão radiofônica foi realizada em terras cariocas, em 7 de setembro de 1922, com a reprodução do discurso do então presidente da República Epitácio Pessoa. Outros asseguram que as ondas do rádio espalharam seu som pela primeira vez em terras pernambucanas, em 1919, na Rádio Clube de Pernambuco. Seja na região Nordeste ou no Sudeste, seja na terra do frevo ou do carnaval, o que importa é que a chegada do Rádio revolucionou a história das comunicações no Brasil, atuando como um divisor de águas, criando o antes e o depois da "Era do Rádio".

Em 1923, surgia a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgard Roquete Pinto, a primeira estação brasileira. Foi nessa época que se tornou conhecido o conceito de rádio sociedade ou rádio clube, em que os ouvintes associavam-se e contribuíam com mensalidades para a manutenção da emissora. No Rio, o Museu do Rádio acolhe as memórias de uma era marcada pelo apogeu das grandes estrelas, dos comunicadores e de seu batalhão de ouvintes.

Rádios de vários modelos, fotos, capas de discos, discos, revistas do rádio, alto-falantes, mesas de áudio e outras publicações relatando as notícias da época podem ser vistos no museu. Entre as peças em exposição, destaque para o rádio de origem francesa, datado da primeira década do século XX, muito usado entre os soldados na época das Grandes Guerras, principalmente pelo seu pequeno tamanho e por não precisar do uso de corrente elétrica para transmissão. Outra peça que atrai a curiosidade das pessoas é a pirâmide sonora, ou o rádio em forma de pirâmide, de origem japonesa, que traz acondicionado em seu interior um aparelho de TV.

Sucesso de público e audiência, as radionovelas, ou narrativas folhetinescas nascidas do gênero literário, viraram febre nacional nos anos 40, 50 e 60. No Museu, os visitantes poderão observar várias fotos antigas de atores, diretores, compositores consagrados como Mário Lago, representantes do radioteatro e outros expoentes, além do resumo dos capítulos da primeira novela do Brasil veiculada através desse meio de comunicação, estreada em 1941 e finalizada três anos depois.

Além de viver um pouco da magia do rádio, o visitante poderá apreciar alguns mobiliários da época, a repercussão do veículo na imprensa e a primeira seção jornalística especializada no, então, novo meio de comunicação, publicado na Gazeta de Notícias, em abril de 1923, sob o título de "Radiophonia".

Exposição Permanente: Nas Ondas do Rádio

Visitação gratuita: segunda a sexta-feira, das 12 às 17 horas.

Museu do Rádio Rio de Janeiro

Rua da Constituição, 78 – Centro – Rio de Janeiro/RJ

Tels.: (21) 2232-6172 / 3852-3910





Trenzinho de papel

Heliana Grudzien
Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-0111

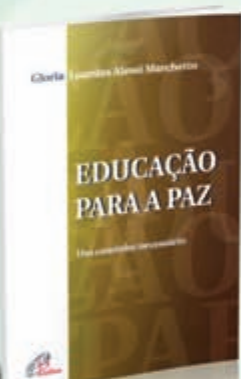
Este livro mostra a aventura vivida por Pedrinho, um menino que, por meio de pinturas de trenzinhos feitos sobre folhas de jornal, descobriu que pode conhecer melhor os comportamentos e as virtudes.



Leitura e persuasão – Princípios de análise retórica (Coleção Linguagem e Ensino)

Luiz Antônio Ferreira
Editora Contexto – Tel.: (21) 3832-5838

A Coleção Linguagem e Ensino apresenta livros de especialistas, destinados a orientar e capacitar professores de línguas e estudantes de Letras e Pedagogia nas recentes inovações de teorias e práticas linguísticas. São obras escritas de modo claro e envolvente, acessíveis também aos demais leitores interessados em ensino, comunicação e linguagem.



Educação para a paz – Um caminho necessário

Gloria Lourdes Alessi Marchetto
Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Este livro apresenta a proposta de uma escola pública que, além do conhecimento transmitido, busca a construção de relações embasadas no respeito e no cuidado consigo mesmo, com o outro e com o meio, valores fundamentais para a construção de uma cultura de paz.



A terceira árvore do bosque

Yara Baptista
All Print Editora – Tel.: (21) 2791-1668

Se você gosta de suspense e emoção, leia esse livro e, junto com os personagens Alexandre e Cristina, tente espantar o medo, fugir dos olhos avermelhados dos cavaleiros do outro mundo e encontrar a saída daquele terrível e horripilante lugar.



Coisas que a gente gostaria de dizer

Júlio Emílio Braz
Zite Editora – Tel.: (21) 2136-6999 / 7126-0484

“Ainda não sei bem como dizer isso para minha mãe nem quando. Preocupo-me com a sua reação. Não quero magoá-la...”. Esse é o trecho de uma linda história contada por uma menina que não sabe como dizer a sua mãe algumas coisas que a deixam extremamente irritada.



Teoria e prática da formação do leitor – Leitura e literatura na sala de aula

Lena Lois
Artmed – Tel.: (51) 3027-7000

Este livro procura refletir sobre as diversas possibilidades de gerar diálogos, promover um encontro entre a literatura e seus significados afetivos e discutir as diferenças entre leitura e leitura de texto literário, sempre trazendo à cena o leitor como peça fundamental para a compreensão do ato de ler.



Camões, o gato poeta

Alexandre Azevedo
Imperial Novo Milênio
Tel.: (21) 2525-3936

Essa é a história de um gato, feinho de dar dó... Ainda por cima é preguiçoso. E manhoso como ele só! Mas o bichano é talentoso, igual a ele eu nunca vi...

Basta abrir este livro. Para você também conferir!



Ziraldo na sala de aula

Cristina Silveira
Melhoramentos – Tel.: (11) 3874-0880

Esse livro é um material de leitura que pode propiciar ao leitor, mirim ou não, o caminho mágico da formação literária. Algumas atividades abordam os textos de maneira mais simples, com a intenção de destacar aspectos gramaticais, por exemplo, que, se não devem ser o objetivo primeiro da leitura, nem por isso devem ser desprezados na sala de aula, principalmente nas séries iniciais.

O Jornal Educar abre espaço, aqui, para que editoras divulguem seus lançamentos. O material será avaliado e publicado de acordo com o perfil do público-leitor. As publicações deverão ser enviadas para a redação do jornal, com a referência *Livros*.

Disfemia

O assunto que vamos tratar nesta edição, embora tenha um nome pouco usual, é bastante comum no meio escolar e gera algumas controvérsias entre os profissionais no que diz respeito ao seu tratamento. Cria também bastante desconforto e mal-estar para quem sofre com este distúrbio.

Estamos falando da disfemia, mais conhecida como gagueira, que, segundo a Organização Mundial de Saúde, é um distúrbio no ritmo da fala, no qual o indivíduo sabe exatamente o que deseja falar, mas, ao mesmo tempo, é incapaz de pronunciar corretamente, devido a um prolongamento involuntário repetitivo ou à cassação de um som.

Vale ressaltar que estamos tratando de um assunto de extrema importância e que afeta, segundo o IBF – Instituto Brasileiro de Fluência –, 5% da população brasileira, o que equivale a aproximadamente 9,5 milhões de brasileiros que passam por este distúrbio por algum período. A permanência da disfemia é estimada em 1% destes casos, ou seja, quase cem mil brasileiros gaguejam de forma persistente.

A fim de enriquecer nosso estudo, vamos citar alguns conceitos formulados por alguns estudiosos na área.

“A gagueira é uma síndrome de várias perturbações da fala, caracterizada por arritmias e tiques causados por uma psico-neurose.” *Associação Americana de Terapia da Palavra*

“É uma perturbação mais ou menos grave da palavra, caracterizada pela dúvida, repetição, suspensão penosa ou pelo impedimento completo da faculdade de articular.” *Littre*

“Disfemia é o defeito da elocução caracterizado pela repetição de sílabas ou palavras, ou por paradas espasmódicas que interrompem a fluidez verbal acompanhadas de angústias.”

Jorge Perelló

“Gagueira é a repetição e o prolongamento involuntário de sons e sílabas da fala que o indivíduo se esforça para eliminar.”

Daniel R. Boone

“Transtorno da expressão verbal que afeta principalmente o ritmo da palavra, transtorno funcional sem anomalias dos órgãos fonoarticulatórios. Sempre relacionado com a presença de um interlocutor, a gagueira é, essencialmente, um transtorno da comunicação verbal.”

Borel Maissonny

“É a incapacidade de encontrar rapidamente uma expressão verbal adequada.”

Stein

“A gagueira é o resultado da reação de luta interior do indivíduo que fala. Reflete o momento de dúvida desse indivíduo, sobre sua habilidade em dizer a palavra ou qualquer outro elemento da fala. Tem suas origens nas primeiras experiências com a

fala ou em situações de estresse ligadas ao ato de falar.” *Bloodstein*

“Transtorno da linguagem, do pensamento, da motricidade, emotividade e da afetividade.” *Robin*

Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID 10), a gagueira é cientificamente considerada como distúrbio ou transtorno de fluência de fala.

O comando vem do cérebro. E o ponto de partida do transtorno se dá na dificuldade desse órgão em sinalizar o término de uma sílaba ou até mesmo um som para ser passado adiante. Com isso, a pessoa, quando consegue iniciar a palavra, fica logo presa em algum som, normalmente o primeiro, mas pode acontecer em outros momentos também. Isso ocorre até que o cérebro gere o comando necessário para dar continuidade para o restante da palavra. Alguns especialistas afirmam que a disfemia está ligada às estruturas cerebrais, aos núcleos da base, onde também são desenvolvidas automatizações de algumas tarefas como escrever, falar, calcular, dirigir, entre outras.

Por se tratar de um assunto muito abrangente e rico de informações, nas próximas edições continuaremos falar sobre a disfemia, abordando suas causas e consequências, a gagueira infantil e os transtornos relacionados a ela. Será que se trata de um distúrbio sensorial, motor ou cognitivo? Veremos na próxima edição.

Referências bibliográficas:

BOONE, Daniel R. *Comunicação humana e seus distúrbios*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *Sua voz está traindo você? Como encontrar e usar sua voz natural*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

_____ & McFARLANE, Stephen C. *A voz e a terapia vocal*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

DINVILLE, C. *A gagueira*. Rio de Janeiro: Editora Enelivros, 1993.

FRIEDMAN, S. *Gagueira: origem e tratamento*. 3. ed. São Paulo: Editora Summus, 1986.

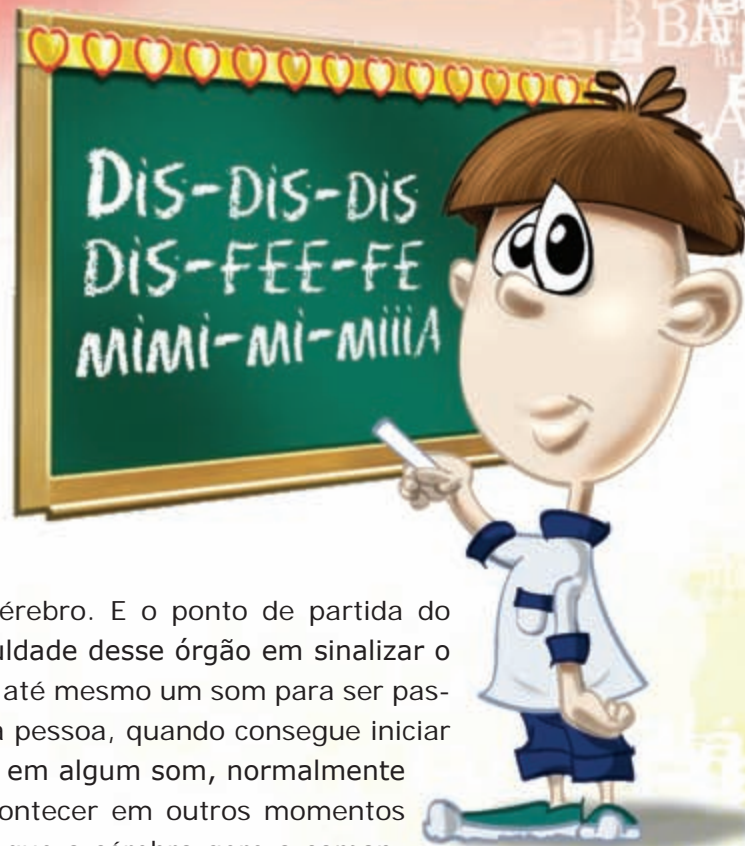
PERELLÓ, J. *Transtornos da fala*. 5. ed. Rio de Janeiro: Médica e Científica Ltda., 1995.

Sites:

<http://www.gagueira.org.br>

<http://www.datasus.gov.br/cid10>

<http://portal.saude.gov.br>



De todos os tipos, de todas as cores: Mulher, a essência do universo

Sandra Martins

Diretamente vinda da antiga Villa-Bôa de Goyaz, atual cidade de Goiás, uma senhorinha, de voz envolvente, poetiza sua ligação com o mundo. Nascida Aninha, transformou-se em Cora Coralina, que teve seu primeiro livro publicado aos 75 anos de idade. Em uma sala ambientada com cenário rural do Centro-Oeste, a poetisa, ao declamar “Assim eu vejo a vida”, encantou os alunos do Colégio Estadual Lauro Corrêa, no bairro de Trindade, no município de São Gonçalo.

Na realidade, a poetisa, juntamente com outras personalidades femininas, foi a fonte inspiradora do projeto que homenageou a mulher brasileira: das conhecidas às anônimas. A proposta, segundo Patrícia Ribeiro da Cruz Assis Lobato, diretora geral, era homenagear as mulheres em todos os segmentos, não só a mãe, a professora, mas a escritora, aquela que trabalha fora e batalha em casa também. “É mostrar aos alunos o valor da mulher. Daí o nome do projeto ser *A mulher é a essência do universo*”.

Para a professora de Língua Portuguesa e Literatura Rosângela Batista Monteiro, a vida de muitas mães é bastante sofrida: “todas nós vivemos numa luta cotidiana”. Entretanto, para ela, nem por isso se deve acreditar que o mundo seja só tristeza. “Temos que caminhar com o pé no chão e mostrar aos alunos que a superação é possível”.

Mesmo sem ser o foco do trabalho, “superação” foi, sem dúvida, uma palavra de ordem, pois, além de serem estimulados a conhecer

a luta de inúmeras personagens femininas de várias áreas do conhecimento, os alunos também tiveram que se superar a cada etapa conquistada.

Após a apresentação dos objetivos do projeto, os professores indicaram vários nomes ligados à Literatura Brasileira, e a ideia foi tão bem aceita, que os estudantes pediram para acrescentar personalidades de outras áreas, como esportes e música.

Basicamente o projeto foi desenvolvido sob três pilares: pesquisa, seminário em sala de aula e apresentação externa. De acordo com Maria de Fátima Gonçalves da Silva,

professora de História, o aluno ao participar do projeto receberia dois pontos: um pela pesquisa e seminário e outro pela exposição cultural na quadra, por meio de participação nos grupos de dança, na banda, tocando

um instrumento, cantando no coral ou solo ou declamando.

Cada turma dos Ensinos Fundamental e Médio escolheu uma personagem para pesquisar. Na Literatura as escolhidas foram Raquel de Queiroz, Ruth Rocha, Marina Colasanti, Cora Coralina, Thalita Rebouças e Adélia Prado. Na Música, Chiquinha Gonzaga. Na Medicina, a pediatra e sanitarista Zilda Arns. E, das mulheres que levaram o Brasil aos pódios, o destaque ficou com a nadadora Maria Lenk, as jogadoras de basquete Hortência e Paula, além de Marta – a melhor jogadora de futebol do mundo.



Motivadas pela música de Itamar Koorax, “Corpo e Luz”, o grupo de teatro do Lauro Corrêa mostrou “A vida tem duas faces: positiva e negativa”, de Cora Coralina

Para evitar as famosas teclas “Control C” e “Control V” (copia e cola) – normalmente usadas para extrair conteúdo de *sites* da Internet –, na fase das pesquisas, os alunos foram orientados a levantar dados em diversas fontes e produzir textos explicativos e concisos. “A pesquisa é escrita, e a ideia era fazê-los ler, refletir e escrever a partir de suas buscas”, disse Rosangela, ao confirmar que eles praticaram muito essas atividades. “Tivemos alunos que leram ‘O Quinze’, de Raquel de Queiroz, para aplicação em uma dramatização em sala de aula. Um dado que chamou a atenção dos alunos foi o fato de a escritora não ter sido uma aluna brilhante, que inclusive não gostava de ler. Entretanto, tempos depois, a jovem foi tomando gosto pela leitura e pela escrita, tornando-se um ícone da Literatura Brasileira”. De certa forma, afirma a professora, foi o que aconteceu com algumas crianças que resolveram se apresentar declamando.

Enquanto produziam os dados, os estudantes eram sensibilizados a perceber a relevância do papel das mulheres no seu cotidiano. Como é o caso das mulheres que trabalham na economia informal, ou mesmo das donas de casa, verdadeiras administradoras do lar, que driblam, com poucos recursos financeiros, materiais e humanos, as dificuldades que tentam desestruturar suas famílias.

Todos os alunos percorreram as salas do pequeno colégio – que um dia fora uma fazenda e hoje atende a quase mil estudantes nos três turnos –, ornamentadas, ou melhor, ambientadas conforme as características das personagens homenageadas. Pequenos esquetes teatrais foram encenados, como ocorreu com o conto de Marina Colasanti “A moça



Várias são as faces da mulher, vários são os ritmos que a embalam, mostrando que o que importa é ser ela movimento puro: Frevo Mulher, Xote Swingado, Colo de Menina (forró), Tem que rebolar (gafieira), Mulher Ideal (hip-hop), Besame (bolero)



tecelã". Em outra produção criativa, inspirada no texto de Ruth Rocha "Bom Dia, Todas as Cores!", os alunos interpretaram o camaleão usando *blazers* coloridos (feitos de TNT), confeccionados pela mãe da professora Maria de Fátima.

Ora na costura, ora ajudando nos ensaios, a parceria foi fundamental e natural. Tanto que os participantes puderam contar com a experiência e empenho de ex-alunos no apoio, que foi para além de logístico. Como ocorreu com Agner, que compôs uma música homenageando as mães e ensaiou o coro do colégio, juntamente com Rosana Gomes Bernardes, misto de professora de Matemática e violinista. Ou mesmo com amigos da escola, que emprestaram seu tempo aos ensaios de dança de salão e outros ritmos.

A apresentação externa – na quadra de esportes, com direito à presença de pais e responsáveis e da comunidade do entorno – foi dividida em doze cenas: encenação teatral, coral, banda do colégio, solos de canto (dos alunos Eduardo, turma 3001; Thamires Passos, 2001; e de Monique, 1001), danças (como frevo, xote, gafeira, bolero, *hip-hop*) e declamações. Durante todo o evento professores, como Sandra Regina Pereira e Ivan de Oliveira, vestidos a caráter (estampando uma camiseta com a logo do projeto), incentivavam os estudantes a deixar a inibição de lado. A apresentação foi encerrada com o sambanredo "Bendita és Tu entre as Mulhe-



"Bendita és Tu entre as Mulheres do Brasil": a grande protagonista de vários papéis sociais – intelectual, esposa, mãe, dona de casa

Assim eu vejo a vida



A vida tem duas faces: positiva e negativa

O passado foi duro mas deixou o seu legado

Saber viver é a grande sabedoria

Que eu possa dignificar

Minha condição de mulher,

Aceitar suas limitações

E me fazer pedra de segurança

dos valores que vão desmoronando.

Nasci em tempos rudes

Aceitei contradições lutas e pedras

como lições de vida e delas me sirvo

Aprendi a viver.

Cora Coralina



res do Brasil", de 2006, da Escola de Samba Porto da Pedra.

Para a diretora adjunta Ana Cristina Freitas Dias, projetos como este possibilitam verdadeira troca de energias, válida não só para os alunos como para o corpo docente. "A amizade se solidifica, e vai aumentando o comprometimento do docente. E, de certa forma, fazemos com que a sala

de aula não fique restrita ao famoso 'cuspe-giz'. Com isso fazemos com que os alunos possam se abrir como um leque para outras possibilidades. Não somente para o Português e a Matemática, mas para a cultura geral". Dessa forma, diz a professora, cada aluno nos revela surpresas. "Ano passado tivemos alunas que passaram para Odontologia e Direito na UFF, e uma outra para Biologia na Uerj", concluiu orgulhosa, sem se esquecer de citar outros estudantes aprovados em exames seletivos para escolas técnicas federais.

Colégio Estadual Lauro Corrêa

Rua Macaé, lote 03, quadra 103 – Trindade – São Gonçalo/RJ

CEP: 24457-280

Tel.: (21) 2725-2160

Diretora Geral: Patrícia Ribeiro da Cruz Assis Lobato

Fotos: Marcelo Ávila

A energia que vem dos átomos

Exposição promove reflexão sobre a energia nuclear

Claudia Sanches

Quando se fala em energia nuclear, o que passa pela cabeça das pessoas? A população associa a ideia a aquecimento, medo, perigo e aos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki. Mas a energia nuclear está mais presente no nosso cotidiano do que o senso comum imagina. Na opinião dos cientistas especializados, esse medo vem do desconhecimento.

Para isso a Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) realizou a exposição *Energia Nuclear*. A proposta do projeto é mostrar que a radiação está presente no meio ambiente de uma maneira natural, e que pode ser usada para vários fins de uma forma segura. Inclusive como combustível. A coordenadora pedagógica da Casa, Adriana Vicente, esclarece que a exposição tem a função de explicar, de um modo bem didático, o que é energia nuclear. "O projeto tem o objetivo de popularizar a ciência, facilitar a compreensão ao leigo. O desafio desse trabalho é desmistificar que essa alternativa energética é uma "coisa perigosa", explica Adriana.

Inaugurada em março desse ano, a programação inclui um roteiro com equipamentos interativos para visitantes, mostra de vídeos, oficinas para professores, atividades lúdicas para o público infantil, além do ciclo de palestras "Nuclear para poetas".



O roteiro, monitorado por estudantes da UFRJ, é uma espécie de viagem pelo universo da energia nuclear, desde o conceito de átomos, a radiação no nosso cotidiano, até o funcionamento de uma usina e os acidentes que marcaram a história da humanidade.

Em uma tela, os visitantes e as escolas que participam da visita guiada em grupos podem ver como a energia atômica se origina do núcleo dos átomos. Outra seção revela a radioatividade, presente em todos os corpos, em maior ou menor quantidade, como mais um tipo de energia.

Um painel simulando a tabela periódica revela a quantidade de radiação em produtos usados no nosso dia a dia.



Os átomos no nosso dia a dia: manipulando o equipamento interativo, os visitantes puderam conferir a quantidade de radiação presente em alguns elementos, como o tijolo, a batata, o urânio e até no feijão. Todos os corpos têm radioatividade

Num equipamento interativo, os visitantes podem conferir as medidas de radiação presentes em vários elementos, como a batata, o cimento, o feijão, e no mineral com que é produzida a energia atômica, o urânio, encontrado em forma de pedra, o elemento mais pesado presente na natureza e usado como combustível para os reatores das usinas. Um aparelho audiovisual interativo apresenta a radioatividade aplicada nos exames clínicos, na conservação dos alimentos, nas carnes para exportação e na esterilização de materiais cirúrgicos.

Para concluir, a exposição demonstra a simulação de uma usina e as etapas da transformação do urânio em combustível: "O urânio precisa ser usado em grandes quantidades e receber um tratamento para ser aplicado nas turbinas. Esse elemento é potencializado a 3% para determinar uma reação química com ácido sulfúrico. "Para se ter uma ideia, para produzir uma bomba atômica, é preciso aquecer esse urânio a 99,9%", esclarece o monitor Victor, aluno de Letras.

A professora de Ciências do Colégio Pedro II Elizabeth Pasin levou suas turmas do 9º ano. A ideia é complementar o conteúdo de tabela periódica e átomos, que faz parte do currículo. Para ela, a exposição é mais um recurso: "A mostra cumpre o papel das grandes exposições científicas de facilitar a compreensão teórica. Essa forma de energia está presente no nosso dia a dia em vários aspectos e esse conceito aparece como algo bem concreto".

O projeto também deu um destaque aos acidentes que marcaram a história da humanidade, como os de Chernobyl e Goiânia. A energia atômica é mais uma opção que tem seus prós e contras, e também produz impactos na natureza, de acordo com a aluna Juliana Dias. As

A energia atômica e a guerra: os protótipos do "Fat man", a bomba lançada em Nagasaki, e da "Little Boy", em Hiroshima, estavam expostos na mostra. A guerra entre os EUA e a Rússia marcou a história da energia nuclear como uma alternativa perigosa, associada à contaminação



Energia para o bem: a estrutura de uma usina nuclear foi montada, com a trajetória do urânio, até se tornar combustível para as turbinas. Hoje é considerada uma das formas mais limpas e econômicas de se produzir energia. Para se ter ideia, uma pastilha de urânio pode produzir energia por um ano para uma casa

turmas assistiram na escola a um vídeo sobre o acidente de Chernobyl. Mas, segundo a aluna, essa estrutura precisa ser muito segura: “Havia uma questão política entre os Estados Unidos e a Rússia, que estava muito preocupada em economizar, inclusive em segurança. No caso dessa usina, não havia bloqueio de chumbo para os elementos radioativos na hipótese de acidente. Aprendemos os seus aspectos positivos e negativos”, lembrou Juliana.

Segundo Adriana Vicente, coordenadora pedagógica da Casa da Ciência, no caso específico do atendimento a grupos escolares, o trabalho da instituição é apenas um ponto de partida para uma possibilidade infinita de desdobramentos que podem ser realizados em sala de aula: “Nosso papel, enquanto espaço científico cultural, é esse: provocar, estimular, incitar o primeiro passo”.

Nuclear para poetas

A radioatividade está presente em nossas vidas mesmo fora dos centros científicos. Ao descobrir o potencial dessa energia, o homem criou muitas formas de uso, provocando medo e polêmicas entre a população. O Brasil possui duas



A Casa abre as portas à população: Nuclear para poetas, o ciclo de palestras, visa levar a ciência de uma forma mais acessível ao leigo. A proposta é desmistificar a prática científica e refletir sobre questões da ordem do dia, como a da energia nuclear

usinas nucleares em funcionamento e uma em construção. Mas poucos brasileiros sabem de fato o que é a chamada energia do futuro, e quais são os benefícios e riscos.

Para que os leigos também possam participar dessa discussão, em que também estão diretamente envolvidos, a Casa da Ciência promove o ciclo de palestras “Nuclear

para poetas”, com cientistas e professores da UFRJ. Os temas são “O que é e onde encontramos a energia nuclear?”; “Por que temos um programa nuclear brasileiro?”; “Quais podem ser os efeitos da energia nuclear no corpo humano?”; “Como transformamos energia nuclear em elétrica?”; “Entre a guerra e a paz – reflexões sobre a responsabilidade social da ciência” e “A questão da segurança nos usos em energia nuclear”. Vale a pena participar dessa reflexão.

Adriana Vicente ressalta que o objetivo da instituição é fomentar o debate acerca da ciência e da técnica, promovendo ações que provoquem o encontro entre cientistas, artistas, professores, alunos e pessoas que nada conheçam sobre o tema:

“É um direito de todos o acesso a informações básicas de como se organiza a ciência, que está presente e interfere em nossas vidas cotidianas. Quase ninguém sabe que a energia nuclear é utilizada para a irradiação de alimentos, objetos cirúrgicos etc. Mais ainda, quase ninguém tem consciência de que ela existe sem a manipulação humana, e está presente em nosso corpo, em alimentos como o feijão, na areia de algumas praias, na água”, conclui a coordenadora lembrando que o ciclo de palestras acontece todas as terças de 18:30 às 20h e vai até o dia 29 de junho. A entrada também é franca.



Energia no cotidiano: os monitores da exposição mostram, em um dos equipamentos, a quantidade de radiação usada para conservação de cada alimento para transporte. Outro aparelho revela a radiação usada na medicina para exames e tratamentos



Casa da Ciência da UFRJ
Rua Lauro Müller, 3 – Botafogo
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22290-160
Tel.: (21) 2542-7494
Fotos: Marcelo Ávila

Viva a terceira idade!

Antônia Lúcia

O aumento da população idosa em todo o mundo, inclusive no Brasil, já é uma realidade que está ocorrendo a um nível sem precedentes. Segundo o IBGE, em 1998 o contingente de indivíduos com idade acima de 60 anos alcançava 579 milhões, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano, comparado aos 204 milhões de 1950. As projeções mostram que, em 2050, a população dos que têm 60 ou mais anos de vida será de 1.900 milhão de pessoas.

No Brasil, o envelhecimento da população brasileira acompanha uma tendência internacional impulsionada pela queda da taxa de natalidade e pelos avanços da biotecnologia. De acordo com o último censo, realizado em 2000, a população idosa era de 14.536.029 pessoas, em oposição aos 10.722.705 de 1991. Nesse período o número de idosos aumentou em quase 4 milhões.

Nesse cenário, o Rio de Janeiro aparece na projeção do IBGE como o município com a maior proporção de idosos, representando cerca de 12,8% da população. Os avanços da medicina e a melhoria nas condições gerais de vida da população são fatores decisivos para elevar a expectativa de vida dos brasileiros, que aumentou 17 anos entre 1940 e 1980 (de 45,5 para 62,6 anos, respectivamente). Em 2000, esse indicador chegou aos 70,4 anos e deverá atingir os 81,3 anos em 2050.

Vida saudável!

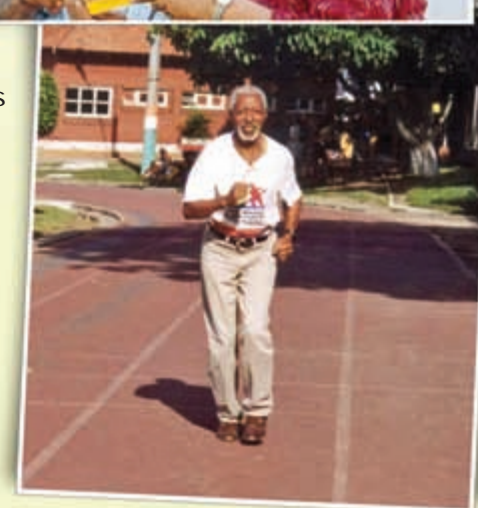
Quem não quer chegar à terceira idade em plena forma? De acordo com os geriatras, o envelhecimento bem-sucedido, além da predisposição genética, está associado a vários fatores externos, que vão desde a manutenção do bem-estar social (saúde) à satisfação com a vida. Alinhavadas a esses conceitos, outras considerações também têm tido um forte peso na longevidade dessa turma: segurança, dignidade pessoal, satisfação com a vida, alegria e exercícios físicos.

Para os idosos, fazer exercícios é muito mais que ganhar tônus e músculos. A prática da atividade física regular atenua o processo de envelhecimento. É o que afirma a professora Andréia, que é instrutora física de idosos há mais de 10 anos. "Isso os mantém ativos, aumenta a força muscular, a flexibilidade, a coordenação motora e o equilíbrio". Segundo especialistas, os exercícios também diminuem a ansiedade e a depressão típicas dessa fase da vida. Para tanto, alertam, é indispensável uma consulta com médicos especializados para que sejam determinadas as condições iniciais e o acompanhamento do idoso desde o início de seus exercícios. "Cabe a nós educadores torná-los mais saudáveis e dispostos, respeitando o período e as individualidades de cada um", adverte a instrutora.

Fontes:

IBGE

www.clicrbs.com.br/especial/rs/bem-estar



Dia do Idoso
01 de outubro

Porta aberta para você: atualize seus dados em tempo real

Associado,
Agora você pode
atualizar seus
dados pessoais:

- Endereço
- Telefone
- E-mail

Além de já ser possível solicitar as demais alterações cadastrais para o associado colaborador, beneficiário dependente e/ou agregado. Acesse o **Portal do Associado** e saiba como.

www.appai.org.br

Economia e vida

Tony Carvalho

Mais que educar para o desenvolvimento sustentável, a escola deve educar para a **vida sustentável**, que harmoniza a ecologia humana e ambiental mediante tecnologias apropriadas, economias de cooperação e empenho individual. Essa vida defensável relaciona-se com a ética na gestão do meio ambiente e na economia, com vistas a satisfazer as necessidades de hoje, em equilíbrio com as demandas das futuras gerações.

Baseados nesse paradigma, a equipe pedagógica do Colégio São Lucas, em Santa Cruz, propôs aos alunos o desafio de contribuir e equacionar a relação entre economia, vida humana e conservação do meio ambiente vital. Os resultados puderam ser conferidos pela comunidade escolar durante a Feira Cultural 2010, cujo fio condutor foi o tema "Economia e vida". O evento envolveu cerca de 1.200 alunos, do Maternal ao Ensino Médio.

A professora Simone do Carmo Marinho, coordenadora do segundo segmento dos ensinos Fundamental e Médio, destaca que, anualmente, cada tema é definido a partir da observação do que se passa na sociedade. "Todos os anos ficamos atentos à Campanha da Fraternidade e ao que acontece de mais relevante na mídia. A ideia é trazer a campanha para dentro do colégio, educando nossos alunos para a vida, de uma forma que eles possam levar para o núcleo familiar o que aprenderam. Ao tomar consciência do que acontece na política,



Usando acessórios bastante coloridos, os estudantes das séries mais avançadas falam, entre outras coisas, sobre o mundo mágico da literatura infantil para os pequeninos

na economia e com as questões ambientais, eles se preparam para exercer a cidadania de forma plena", justifica.

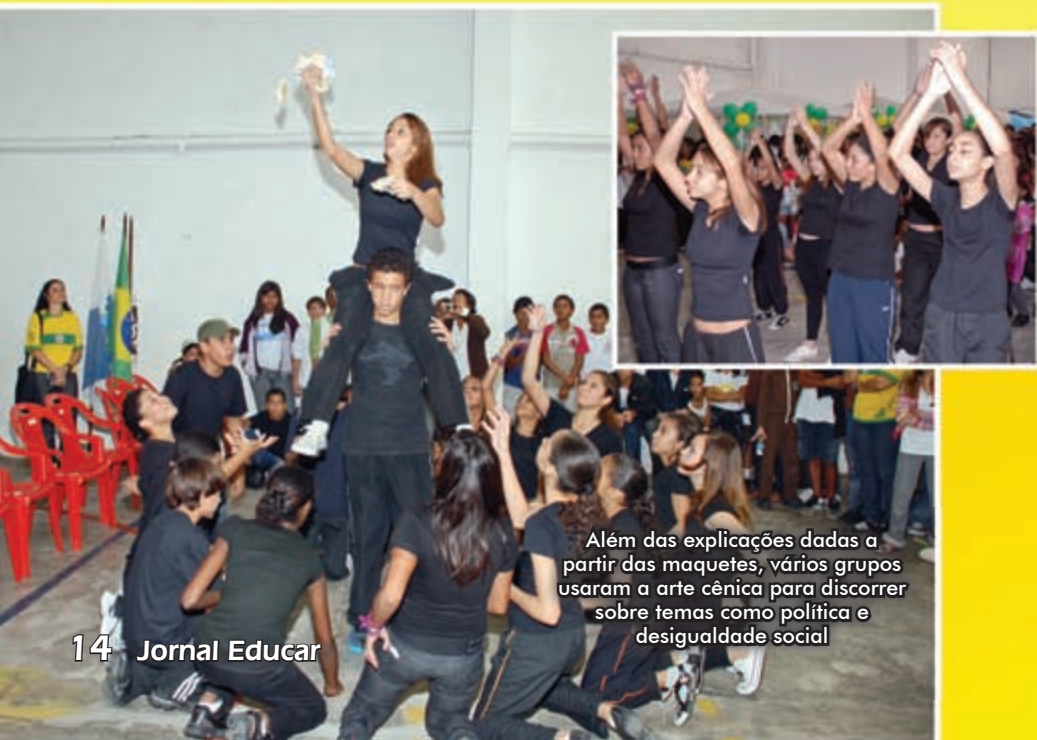
Em cada estande montado, o visitante pôde se deparar com trabalhos interdisciplinares desenvolvidos por alunos de várias séries. Segundo Simone, o grande diferencial da feira desenvolvida no colégio é que o estudante é quem escolhe de qual subprojeto ele quer participar.

Como funciona

Após o planejamento da equipe pedagógica para discutir os temas propostos, cada professor segue uma linha de ação e, junto aos alunos, desenvolve uma "propaganda" daquilo que irá ser feito. Cabe ao aluno decidir em qual atividade irá se engajar. O professor de Geografia André Diele, por exemplo, propôs aos alunos de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio comparar as desigualdades sociais no país. No estande, foram montados dois subambientes: um representando a comunidade da Rocinha, a maior favela da América Latina, e outro o bairro de Copacabana. "O objetivo foi possibilitar a reflexão de pontos importantes que muitas das vezes passam despercebidos. Localizada entre a Gávea e São Conrado, dois dos bairros com o IPTU mais alto da cidade, a Rocinha, mesmo se encaixando em um perfil considerado classe de baixa renda, também contribui na economia do Rio, assim como os bairros de classes média e alta", lembra.

Além das maquetes, os alunos também interpretaram personagens típicos do nosso cotidiano: o trabalhador brasileiro assalariado e o executivo bem-sucedido. "Esse tipo de trabalho ajuda a formar a opinião do aluno, desenvolvendo o seu pensamento crítico. Ele próprio traz suas experiências de vida e o que observa na sociedade, através da televisão e da Internet", complementa o professor.

Em outro estande, era possível acompanhar a história do dinheiro. Educandos do 6º ao 8º anos abordaram noções do sistema capitalista e as questões econômicas que afetam o mundo. Ao lado, alunos de praticamente todas as turmas do Ensino Fundamental discutiram a importância da língua estrangeira no mercado de trabalho, na educação e na vida social.



Além das explicações dadas a partir das maquetes, vários grupos usaram a arte cênica para discorrer sobre temas como política e desigualdade social



Estudantes do 6º ao 9º anos também ensinaram os visitantes a economizar água. O subprojeto foi desenvolvido pela professora de Matemática Milena Almeida, que aproveitou o tema para trabalhar conceitos de volume e transformações de unidades. Outra professora de Matemática, Patrícia Bento, abordou o respeito à vida. Os alunos de 6º e 7º anos que se engajaram nesse subprojeto mergulharam no mundo dos deficientes físicos e discutiram a acessibilidade sob diversos aspectos. A economia de energia foi o tema proposto pelo professor de Física Júlio Belo, e contou com a participação de alunos do 9º ano. Eles apresentaram vídeos e slides na tentativa de conscientizar os visitantes acerca da responsabilidade que recai sobre cada habitante do planeta. A mostra também contou com um desfile de roupas recicladas e apresentações de coreografias. Ao som da canção "Admirável gado novo", do cantor e compositor Zé Ramalho, alunos do Ensino Fundamental, dirigidos pela professora de Educação Física Dilza Lessa, lançaram um olhar



Em cada ambiente do colégio um grupo expunha através da música, da dança e do teatro suas reflexões e pensamento crítico sobre os motes em destaque



crítico sobre o sistema econômico e as relações de produção da sociedade. A política e os parlamentares corruptos também foram citados para lembrar aos visitantes que é papel de cada cidadão escolher candidatos comprometidos com o bem-estar de todos os brasileiros. Na encenação, o aluno Rafael Rodrigues, do 6º ano, representou o presidente da República. Para ele, colocar a faixa presidencial, mesmo que por poucos minutos, deu um grande orgulho. "Interpretar o presidente foi emocionante, mas ao mesmo tempo senti uma grande responsabilidade. Espero que todos que ocupem esse cargo na vida real tenham o mesmo sentimento e a mesma vontade de fazer o melhor para esse país", afirma.

A coordenadora da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental Rosângela Nogueira Tamiozo enfatiza que a união dos corpos docente e discente faz com que o colégio consiga alcançar os objetivos traçados. "Fazemos um trabalho de conscientização de professores e alunos sobre os projetos que desenvolvemos. E o resultado pode ser visto nas atividades pedagógicas que realizamos", declara. O diretor geral do colégio, professor Rudylon Cruz, reconhece que é essa união que pode fazer a diferença. "Não tem como a escola trabalhar sozinha. Precisamos sempre contar com o apoio familiar. A comunidade vem para a escola, participa e nos ajuda a desempenhar esse papel de educar jovens para a vida".



Mas que estimular a criatividade e a livre expressão, as atividades pedagógicas da Feira Cultural 2010 têm como objetivo garantir experiências práticas aos alunos e expandir seus conhecimentos

Colégio São Lucas
Rua Bominal, 196 – Santa Cruz – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23555-145
Tel.: (21) 3305-8559
Diretor Geral: Rudylon Cruz
Fotos: Marcelo Ávila

Corrida contra o tempo

Os impactos ambientais causados pelo homem
reduzem as condições naturais do planeta

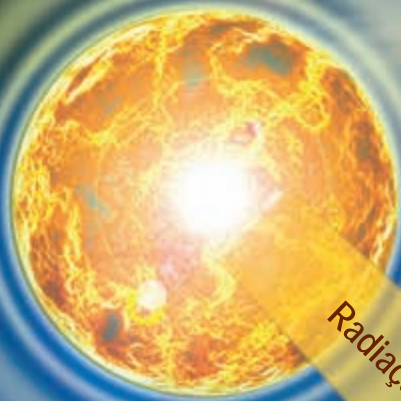
Antônia Lúcia

Mesmo com um diâmetro cem vezes menor do que o sol, o planeta Terra tem esquentado não só a cabeça de seus mais de 6 bilhões de habitantes, mas, sobretudo, aquecido os interesses de toda a civilização na busca por encontrar meios para equilibrar os nossos avanços tecnológicos e industriais com uma vivência pacífica com a natureza, uma vez que as alterações causadas pelo homem a serviço da humanidade têm resultado em prejuízo para a condição primaz do planeta. E, nesse cenário sombrio, em nome do desenvolvimento, quem mais perde é o homem.

Na linha da evolução humana, como espécie distinta de outros hominídeos, dos grandes macacos e mamíferos placentários, o homem viu-se diante das várias necessidades fisiológicas e biológicas essenciais a sua sobrevivência. Este estágio, que marcou a ruptura com os outros animais, trouxe com ele novas adaptações culturais e, conseqüentemente, o desafio de desbravar a Terra. Mesmo levando em conta todas as exigências mínimas para satisfazer suas condições materiais e morais de vida, o homem começa a perceber e se preocupar com os danos causados ao meio natural, em decorrência de suas atitudes e iniciativas.

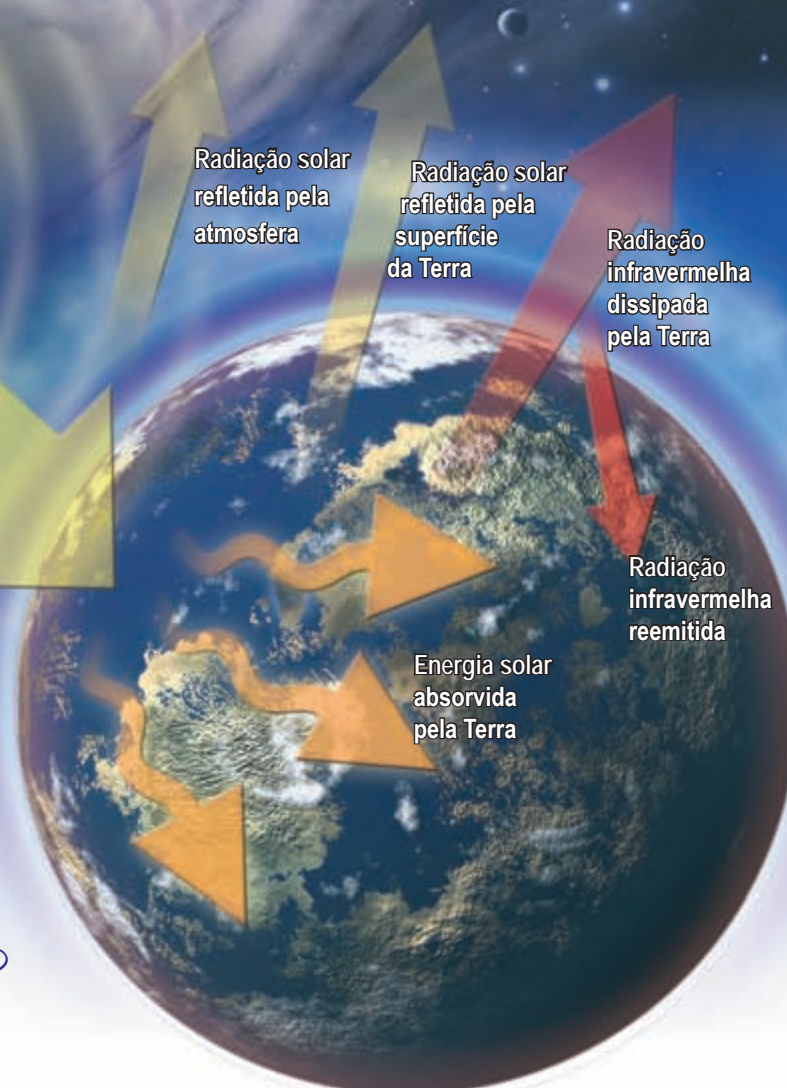
Imbuído dessa visão, em 1866, o biólogo alemão Ernst Haeckel iniciou a divulgação da palavra *ecologia*, bem como seu conceito enquanto estudo das interações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente. Se por um lado o homem é o (co) responsável por provocar o desequilíbrio das biodiversidades do planeta, por outro, ele traz para si a obrigação de tentar mudar o arriscado roteiro dessa história.

Pautada nessas e em outras considerações, desde de 1972, a ONU estabeleceu o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnu-



Radiação Solar

GASES DO EFEITO ESTUFA



ma), principal autoridade global nesse assunto, cujos objetivos estão voltados para manter o estado do meio ambiente em todo o planeta sob contínuo monitoramento; promover a sua conservação e o uso eficiente de recursos no contexto do desenvolvimento sustentável; e instituir um dia para que as pessoas de todos os continentes se lembrem dessa importante questão: o *Dia Mundial do Meio Ambiente*, comemorado no dia 5 de junho.

À medida que o homem reforça os seus objetivos predatórios, as condições naturais do nosso planeta são colocadas em xeque-mate. Percebemos isso ao tratar de um dos mais inquietantes assuntos do século XX: o efeito estufa. Tratado equivocadamente como algo ruim para a humanidade, na verdade esse fenômeno tem por objetivo fazer com que a temperatura média da superfície do planeta se mantenha adequada à vida, pois, sem a sua presença, a Terra comportaria uma temperatura média de 18°C abaixo de zero, ou seja, seríamos transformados em picolés humanos.

Soluções e medidas tomadas contra o efeito estufa

Por que o efeito estufa tem colaborado com o aumento da temperatura no globo terrestre nas últimas décadas?

De acordo com os climatologistas, o século XX foi considerado o mais quente dos últimos 500 anos. Dentro dessa perspectiva, segundo os pesquisadores do clima, o aumento da temperatura provocado pelo efeito estufa favorecerá o derretimento das calotas polares e conseqüentemente o aumento do nível das águas dos mares. Mas como isso é gerado? Bom, entre tantas outras causas, a principal, ou mais evidente, está diretamente ligada à derrubada e queimada das florestas, pois são elas que regulam a temperatura, os ventos e o nível de chuvas em diversas regiões. Como elas estão diminuindo no mundo, a temperatura terrestre tem aumentado na mesma proporção. Um outro fator que está gerando o efeito estufa é o lançamento de gases poluentes na atmosfera, principalmente os que resultam do uso de combustíveis fósseis.

A queima do óleo diesel e da gasolina nos grandes centros urbanos tem colaborado muitíssimo para o crescimento desse efeito. O dióxido de carbono (gás carbônico) e o monóxido de carbono ficam concentrados em determinadas regiões da atmosfera formando uma camada que bloqueia a dissipação do calor. Outros gases que contribuem para este processo são o metano, o óxido nitroso e o óxido de nitrogênio. Esta camada de poluentes, tão frequente nas grandes



Para reduzir a poluição ambiental e a emissão de gases nocivos, representantes de várias nações sentaram-se à mesa e assinaram o Protocolo de Kyoto, em 1997, que basicamente prevê para os próximos anos a redução de gases poluentes. Porém, países como os Estados Unidos têm dificultado o avanço destes acordos alegando que a redução da emissão de gases poluentes poderia dificultar o crescimento das indústrias no país.

Em 2007, 190 líderes de várias nações começaram a definir medidas que deverão ser tomadas pelos países após 2012, para a redução da emissão de gases poluentes. As bases definidas substituirão o Protocolo de Kyoto, que expira em 2012.

Em 2009, em decorrência de conflitos de interesses entre os países ricos e os que estão em processo de desenvolvimento, a 15ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-15) – cujo objetivo era firmar medidas para evitar as mudanças climáticas e o aquecimento global – teve um resultado frustrante por não conseguir avanços nem mesmo no texto definitivo. Ao final foi aprovada a intenção de cada país em empenhar-se para que o aumento da temperatura do planeta não ultrapasse 2°C, e também a intenção da liberação de um fundo de 10 bilhões de dólares, por ano, até 2012, com o qual os países desenvolvidos ajudarão os mais pobres a controlar as mudanças climáticas.



As cidades, funciona como um isolante térmico para a Terra. O calor fica retido nas camadas mais baixas da atmosfera trazendo graves problemas ao planeta.

Problemas a curto, médio e longo prazos

De acordo com os especialistas e estudiosos, a persistência dessas ações predatórias pode causar graves danos à vida terrestre, levando espécies vegetais e animais à extinção, ocasionando o derretimento de geleiras e o alagamento de ilhas e regiões litorâneas, além de favorecer a atividade de tufões, furacões, maremotos e variações climáticas, enchentes e inundações de maior intensidade. Estas alterações do clima poderão influenciar negativamente na produção agrícola de vários países, reduzindo a quantidade de alimentos em nosso planeta, como também nos mares, ocasionando a extinção de muitos animais marinhos e diminuindo a quantidade de peixes nos oceanos.

Foto: <http://www.fim.com.br/pt/noticias/index.php?id=536>

Filtro de cigarro

Cinco anos para se decompor



Camada de ozônio

Cientes do impacto potencialmente prejudicial à saúde humana e ao meio ambiente decorrente de modificações na camada de ozônio, autoridades têm se reunido para adotar medidas preventivas e de conscientização para manter o filtro natural do planeta, que na última década vem se tornando cada vez menos espesso na Antártida, no polo sul do globo terrestre. A camada de ozônio é uma barreira protetora à saúde de homens, animais e plantas, e sua destruição, ainda que parcial, diminui a resistência natural favorecendo, dessa maneira, a passagem dos raios solares nocivos às espécies.

Vamos salvar a camada de ozônio

Para conter o aumento do buraco na camada de ozônio, órgãos governamentais, instituições privadas e autoridades de centenas de países reuniram-se para adotar medidas para frear esse movimento e implementar estratégias que visem à preservação da camada natural da Terra. Uma delas culminou com a assinatura do “Protocolo de Montreal sobre substâncias que destroem a camada de ozônio”, em 1987.

No Brasil, o Ibama é o órgão executor no país das ações do governo com respeito ao Protocolo de Montreal, por meio da Diretoria de Qualidade Ambiental. Várias iniciativas foram assumidas pelo governo para que o país cumprisse as metas do tratado, tais como a criação do Comitê Executivo Interministerial para a Proteção da Camada de Ozônio (Prozon), o Plano Nacional de Eliminação de CFCs (PNC), o Programa Brasileiro de Eliminação das Substâncias que Destroem a Camada de Ozônio (PBCO), entre outros 157 projetos apoiados pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento).

De acordo com os estudos de especialistas, substâncias químicas produzidas modernamente pelo homem, como o CFC (Cloro-fluor-carbonetos), atacam e destroem a camada protetora de ozônio, localizada na estratosfera. Sem os níveis ideais de proteção o planeta recebe uma sobrecarga de radiação ultravioleta proveniente do sol – oriunda principalmente da faixa do UV-B –, que pode acarretar sérios danos à saúde humana e ao meio ambiente. Radiação em geral é a energia que vem do sol, sendo distribuída em vários comprimentos de onda: desde o infravermelho até o ultravioleta (UV), passando pelo visível, onde a energia é máxima. Na parte do UV, existe o UV-C, que é totalmente absorvido na atmosfera terrestre; o UV-A, que não é absorvido pela atmosfera; e o UV-B, que vai para a camada de ozônio. Segundo os médicos, a radiação excessiva de raios ultravioleta pode comprometer o sistema imunológico do homem, provocar câncer de pele, catarata e, obviamente, afetar todo o meio ambiente.

O que é o buraco na camada de ozônio?

O buraco na camada de ozônio é algo que só acontece na Antártida, isto é, na região do polo sul. Trata-se de um fenômeno cíclico. É uma destruição violenta de ozônio na atmosfera, durante a primavera de cada ano, quando mais da metade da camada é destruída. Nestas ocasiões, a radiação UV-B aumenta muito. Por ocorrer distante do Brasil, não nos afeta diretamente, embora exerça influências indiretas de interesse científico.



Foto: <http://rolocompressor.files.wordpress.com/2009/03/mata-queimada.jpg>



http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bb/Alternative_Energies.jpg

Haja energia! Fontes renováveis e não renováveis

Definir o termo “energia” de um modo preciso não é uma das tarefas mais fáceis, haja vista que se trata de algo bastante abrangente. Em geral, o conceito da palavra refere-se ao potencial inato para executar trabalho ou realizar uma ação. Encontrada em todas as disciplinas da Física – mecânica, termodinâmica, eletromagnetismo, mecânica quântica etc. – assim como em outras matérias, particularmente na Química, a interferência da energia se faz presente desde os atos mais simples, como a queda de uma folha, até o lançamento de um foguete à lua.

Já que afirmamos que a energia está em tudo, isso inclui também o meio ambiente. Será que a estamos utilizando de uma forma saudável à preservação do planeta e de suas espécies? Preocupado com essa pergunta o homem, há algum tempo, vem buscando soluções

para essa e outras questões. Uma delas está na busca por fontes de energia renováveis, ou seja, aquelas que normalmente são obtidas através de elementos naturais capazes de se regenerar.

Fontes de energia renováveis

Em grande escala as energias renováveis têm o sol como “progenitor”. A energia da nossa estrela de quinta magnitude é convertida de várias maneiras para formatos conhecidos pela imensa quantidade de energia que contém, e por serem capazes de se regenerar por meios naturais, através da biomassa (fotossíntese), da energia hidráulica (evaporação), da energia eólica (ventos) e da fotovoltaica. São chamadas de energias alternativas, porque constituem uma opção ao modelo energético tradicional, tanto pela sua disponibilidade (presente e futura) garantida (diferente dos combustíveis fósseis que precisam de milhares de anos para a sua formação) como pelo seu menor impacto ambiental. Todavia, ainda assim, o conceito de renovabilidade depende da escala temporal que está sendo utilizada e dos padrões de uso dos recursos. Um dos exemplos de fontes renováveis, que poderíamos adotar como modelo de uso consciente, são os rios e correntes de água doce, usados como fontes de energia hidráulica.



Energia solar

Exemplos de fontes de energia renováveis

Exemplos de Fontes: o Sol: energia solar. O vento: energia eólica. Os rios e correntes de água doce: energia hidráulica. Os mares e oceanos: energia maremotriz. As ondas: energia das ondas. A matéria orgânica: biomassa, biocombustível. O calor da Terra: energia geotérmica. Água salobra: energia azul. As energias renováveis são consideradas como alternativas ao modelo energético tradicional, tanto pela sua disponibilidade garantida como por apresentar impacto ambiental menos intenso.

Vantagens e desvantagens do uso de algumas energias renováveis

É importante lembrar que, mesmo sendo renováveis, nem sempre esses sistemas geram baixos impactos ambientais. A construção de uma hidrelétrica pode, por exemplo, ocasionar graves problemas ao meio ambiente e ainda propiciar desordens sociais por provocar o deslocamento de pessoas e a inundação de quilômetros quadrados de terras.



Pano

De **seis meses a um ano** para se **decompor**

Corda de Nylon

Mais de **trinta** anos para se **decompor**



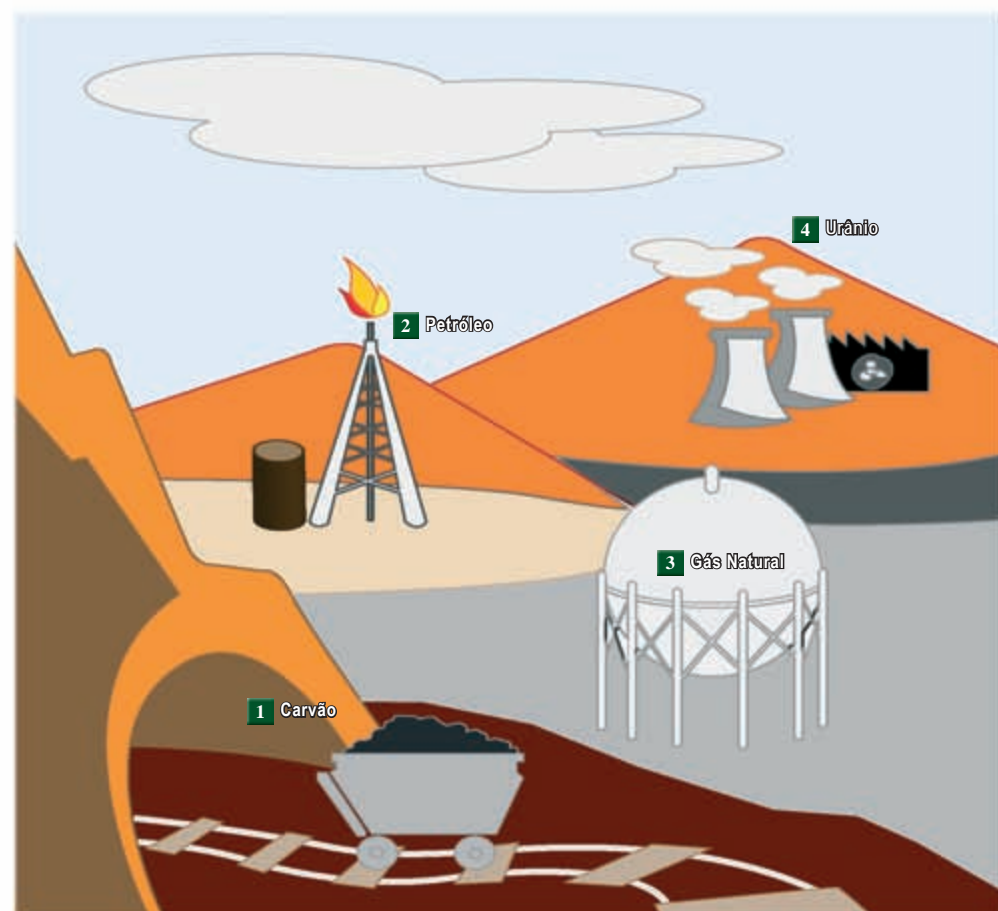
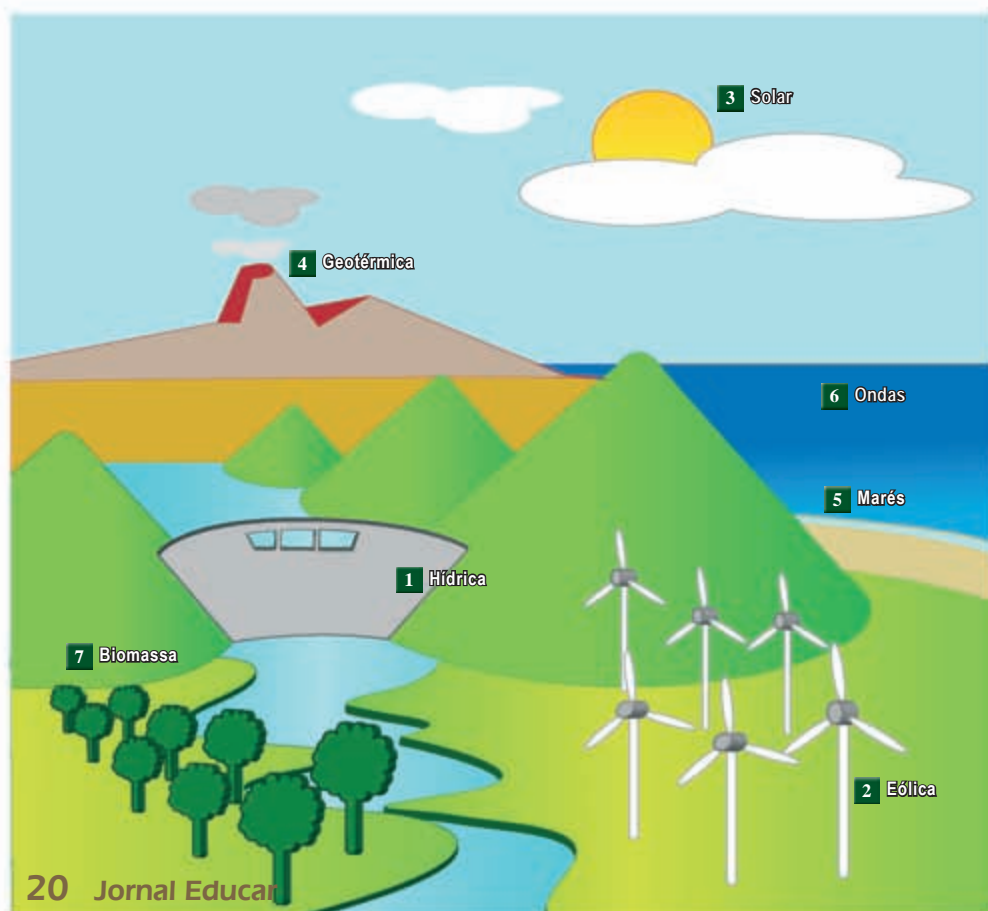
Combustível renovável

Em decorrência da crise do petróleo em 1973, o governo brasileiro investiu no Programa Nacional do Álcool ou, como ficou mais popularmente conhecido, Pró-Álcool. Além de resolver parcialmente o problema da crise, o programa contribuiu também para a preservação ecológica, uma vez que são usados como matéria-prima elementos renováveis para a natureza, como a cana-de-açúcar, empregada na fabricação do álcool, e também vários outros vegetais como a mamona, utilizada para a fabricação do biodiesel ou outros óleos vegetais que podem servir diretamente em motores diesel com algumas adaptações.

Fontes de energia não-renováveis

Pela lei natural, tudo aquilo de que fazemos uso e não repomos em algum momento se esgota. Com a natureza não é diferente. Os combustíveis fósseis – derivados do petróleo e do carvão mineral ou ou gasosa (gás natural) –, por exemplo, estão em quantidade limitada em nosso planeta, podendo chegar ao fim caso não haja um consumo racional. Segundo teóricos, esses elementos foram compostos por acumulações de seres vivos que existiram há milhões de anos e que foram fossilizados formando carvão ou hidrocarboneto. No caso do carvão se trata de bosques e florestas nas zonas úmidas e, no caso do petróleo e do gás natural, de grandes massas de plâncton acumuladas no fundo de bacias marinhas ou lacustres. Em ambos os casos, a matéria orgânica foi parcialmente decomposta, pela ação da temperatura, pressão e certas bactérias, na ausência de oxigênio, de modo que foram armazenadas moléculas com ligações de alta energia.

Para que essa reposição seja feita serão necessários milhões e milhões de anos, até que novamente haja o acúmulo desses materiais orgânicos nos solos. Além de ser esgotável, a geração de energia a partir destas fontes costuma provocar poluição, contribuindo, dessa maneira, com o aumento do efeito estufa e conseqüentemente do aquecimento global. Isto ocorre principalmente nos casos dos



derivados de petróleo (diesel e gasolina) e do carvão mineral. Já com relação ao gás natural o nível de poluentes é bem menor.

Outra fonte riquíssima em energia usada pelas usinas nucleares para gerar eletricidade é o urânio quando desintegrado. Embora não produza poluentes, a quantidade de lixo nuclear é um ponto bastante debatido entre os estudiosos do meio por acarretar danos irreversíveis aos seres vivos, quando não tratado de maneira adequada. Além desse aspecto negativo, outro fator preocupante são as reais possibilidades de acidentes em usinas nucleares. Embora raros, eles representam um grande perigo para a humanidade, pois são necessários milhares de anos até que a radioatividade tenha desaparecido por completo.

Ao longo da evolução humana, em nome do progresso o homem tem prestado um desserviço à natureza, diminuindo as áreas verdes, derrubando árvores, praticando queimadas e desertificando o meio em que vivemos, a fim de abrir caminhos e estradas que visam lucros imediatos sem a preocupação com

os impactos ambientais tanto no solo como no ar. A produção de alguns materiais desenvolvidos pelas indústrias de papel e químicas, como papelão, papel, explosivos, celofane, acetato de celulose, lubrificantes e outros, constitui exemplos de agressões e incisões profundas, por vezes irreversíveis, nos ecossistemas mundiais.

Fora tudo isso, ao serem lançados na natureza esses materiais gastam anos e anos para se decompor. O tempo de duração das diversas matérias é muito variável. O papel, por exemplo, leva de três a seis meses, enquanto o vidro pode levar até 1 milhão de anos. O que fazer para mudar? Essa pergunta tem sido uma constante na vida das civilizações, uma vez que todas as respostas da natureza, contrárias ao impacto que o homem tem causado ao meio ambiente, já manifestam seus sinais na saúde e na qualidade de vida das pessoas, através do desequilíbrio ecológico. As mudanças de atitudes e comportamentos têm sido o lema dos órgãos governamentais, ONGs, escolas e comunidades como um todo. A curto prazo, já podemos vislumbrar algumas mudanças favoráveis, porém sabemos que ainda há muito para ser feito.



Projeto discute consciência ambiental e o destino do lixo

Na escola Municipal Gustavo Armbrust, em Inhaúma, os alunos do 5º ao 9º anos fazem parte do projeto *Consciência ecológica*, que nasceu a partir de uma necessidade prática: manter a escola limpa. A proposta de meio ambiente estava ligada à formação de hábitos e atitudes: “Na época tínhamos acabado de pintar a escola e precisávamos de uma conscientização para conservação do ambiente”, explica a coordenadora pedagógica Vera Lúcia Fraga.

A iniciativa foi abraçada pelos professores e estudantes, que atuaram com as famílias e a comunidade. O trabalho incluiu o estudo da realidade local por meio de pesquisas de campo, reciclagem, organização de caminhadas e excursões, além das palestras de esclarecimento com a Comlurb. Segundo a idealizadora do projeto, o programa prevê o estímulo à coleta seletiva (que não é praticada), oficinas de reciclagem e exposição dos trabalhos dos alunos.

Na primeira etapa cada professor pensou em grupo como poderia desenvolver o tema com sua área de conhecimento. “Houve até trabalho de Língua Inglesa sobre a temática”, comemora Vera Lúcia. Em sala de aula cada um explorou o lixo sob um ângulo diferente. Em Matemática as professoras fizeram estatísticas sobre



Borracha

Tempo de decomposição indeterminado

Metal

Mais de cem
anos para
se decompor



**“Quando jogarem
seus dejetos no
chão lembrem-se de
que estão jogando
lixo em vocês
mesmos. Porque
também somos
parte do meio”**

a composição média do lixo domiciliar e sobre as toneladas de detritos produzidas em diversos países. “Our planet is in danger”, denunciava em inglês o cartaz sobre os riscos que corre o planeta com o destino inadequado do lixo.

Em Língua Portuguesa a ideia foi trabalhar com artigos sobre meio ambiente, com leitura e produção textual.

Entre outras atividades se destacou a passeata realizada pela professora Viviane de Oliveira com os alunos do 6º ano. Ela explica que, durante a caminhada pelas margens do rio Faria Timbó, que circunda a região, os alunos saíram com a missão de fazer um raio X do local: fotografaram, gravaram e fizeram coleta de dados sobre atitudes dos habitantes e autoridades.

Durante a caminhada ecológica, os participantes denunciaram os principais problemas ambientais e chamaram atenção dos transeuntes para hábitos e atitudes que agridem o meio, além de distribuírem panfletos. “Viviane literalmente puxou a caminhada de costas, andando, cantando e falando sobre os problemas do lugar. Fizeram até uma ‘pescaria’ no rio”, destacou Vera. “Vejam! Um sofá jogado ontem virou um foco de resíduos. Os outros habitantes da área começam a jogar seus sacos de lixo no local e aí vira um depósito”, apontava Viviane para o grupo.

O projeto culminou com as palestras da Comlurb com os temas “Os caminhos do lixo”, “Como participar da coleta seletiva”, “Motivando a educação ambiental” e “Questões ecológicas e o lixo”. A palestra da dona Zilda, integrante da Cooperativa de Catadores de Lixo do Complexo do Alemão, encantou as turmas. Em seu depoimento, a trabalhadora contou como começou no ramo, falou sobre o funcionamento

da coleta, que gera renda para os cooperados, e sobre o reaproveitamento, que reduz a quantidade de lixo que vai para os aterros sanitários e o transforma em lucro e arte.

A participação dos estudantes também surpreendeu os educadores. De acordo com Viviane, eles ficaram impressionados com a cadeia do lixo desde que sai das residências até os aterros sanitários, incluindo a sua reutilização. Alunos se ofereceram para fazer a coleta seletiva e mostraram aos palestrantes utensílios produzidos com sucata, como um belo porta-CD feito de caixa de leite. O aluno Daniel, do 9º ano, ficou encantado com o reaproveitamento dos alimentos. Sirlei, também do 9º ano, compreendeu a responsabilidade da população: “As pessoas acham que os garis

têm a obrigação de catar o seu lixo. Essa função é também nossa. Começa por nós, do pequeno para o grande”, concluiu o menino.

No final do ciclo de apresentações do projeto já se vislumbrava um retorno. “Estamos começando a sentir os efeitos do trabalho. Eles ficaram curiosos para conhecer o lixão de Gericinó”, disse a coordenadora. Para garantir a preservação do meio ambiente, a educação deve começar pelo ensino básico antes de chegar aos consumidores e produtores. O destino da humanidade não depende apenas do poder público. Um dos palestrantes da Comlurb perguntou à plateia no final do evento: “Então onde devemos jogar nosso lixo?”. “No lixo?”, responderam as crianças. “Não, na lixeira”, acrescentou o funcionário.

Escola Municipal Gustavo Armbrust

Rua Irapó, s/nº – Inhaúma – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21501-350

Tel.: (21) 2595-5404

Coordenadora Pedagógica: Vera Lúcia Fraga Ferreira

Fotos: Marcelo Ávila

Colaboração: Cláudia Sanches



Alunos da Escola Municipal Marcus Vinicius Caetano Santana também separam material para reciclagem

Um pouco mais sobre vírgulas

Sandro Gomes*

Conforme anunciamos na edição anterior, vamos tratar de mais algumas lições referentes ao bom uso da vírgula. Pra começar, parece interessante que você lembre o que foi introduzido na primeira parte do trabalho. Então vá lá, pegue o seu exemplar do Jornal Appai Educar e refresque a memória. Aquelas lições são muito importantes para a continuidade do estudo.

Vírgula entre termos da oração

Um dos conhecimentos que mais ajudam na hora de usar vírgulas é o de função sintática. Sabemos que para muitos esse é assunto tenso, devido às cobranças que em geral recebem os estudantes de Língua Portuguesa nas provas e concursos. Assim, vamos buscar trabalhar de forma simplificada, para que você possa apreender bem.

Existe uma ordem em que mais facilmente compreendemos a organização dos termos numa oração: **sujeito / verbo / complemento / termos circunstanciais**.

Observe a seguinte sentença:

O médico resolveu o problema com habilidade.

Aquele que pratica a ação (o sujeito) é o *médico*; a ação por ele praticada (verbo) é a de *resolver*; esse verbo pede um complemento, um objeto direto (quem resolve, resolve alguma coisa), que no caso é *o problema*; e finalmente *com habilidade* é um termo que agrega uma nova informação à sentença, sendo portanto um adjunto adverbial, no caso, de modo.

Essa é a ordem considerada natural para os falantes de Língua Portuguesa. Observe o esquema abaixo:

O médico (sujeito) / *resolveu* (verbo transitivo, que pede complemento) / *o problema* (objeto direto, que completa o verbo) / *com habilidade* (adjunto adverbial de modo).

Mas essa oração poderia ser escrita com os seus termos mudando de posicionamento. Veja os exemplos:

- *O médico, com habilidade, resolveu o problema.* (sujeito/adj. adverbial/verbo/objeto)
- *Resolveu o médico, com habilidade, o problema.* (verbo/sujeito/adj. adverbial/objeto)
- *O problema, o médico, com habilidade, resolveu.* (objeto/sujeito/adj. adverbial/verbo)
- *Com habilidade, resolveu o problema, o médico.* (adj. adverbial/verbo/objeto/sujeito)

Você pode reparar que em todos esses exemplos precisamos recorrer ao uso de vírgulas, o que não aconteceu quando formamos a oração na ordem normalmente usada. Assim, chegamos a uma importante função deste nosso objeto de estudo. **Toda vez que usarmos termos da oração em uma ordem diferente da habitual, esses termos são separados por vírgulas.**

Vírgula antes e depois de aposto

O aposto é um termo que tem a função de explicar, ampliar, desenvolver ou resumir o conteúdo de outro termo. Veja os exemplos abaixo.

O Brasil, maior exportador de soja, tem crescido no comércio internacional.

O trecho *maior exportador de soja*, que é o aposto desse exemplo, tem a função de oferecer alguma informação sobre um elemento da oração, no caso o sujeito. Repare que, sem ele, a oração sintaticamente não seria afetada: *O Brasil tem crescido no comércio internacional.*

Outro caso:

A geologia, ciência que se ocupa do estudo dos minerais, é um importante campo do conhecimento humano.

Nesse caso, *ciência que se ocupa do estudo dos minerais* é uma oração (pois contém verbo) que serve para definir o termo *geologia*, funcionando assim como um aposto.

Repare que, nos dois casos, os apostos foram colocados entre vírgulas, sendo essa uma de suas características.

Há um tipo de aposto, porém, em que não cabem vírgulas. Trata-se do caso do chamado **aposto especificativo**, normalmente um substantivo próprio que tem a função de individualizar um substantivo comum. Veja o exemplo:

O compositor Carlos Gomes é autor de obras de grande importância.

Sem o nome próprio, que no caso é o aposto, a frase continuaria tendo sentido: *O compositor é autor de obras de grande importância.*

Vírgula antes do "e"

Observe esses dois períodos:

Muitas pessoas falam quando têm de agir e agem quando deveriam falar. Muitos não fazem sua parte, e poucos se dedicam com afinco.

No primeiro caso *muitas pessoas* é o sujeito das duas orações: *falam quando têm de agir* e *agem quando deveriam falar*. É correto não usar a vírgula antes do *e*.

No segundo, cada uma das duas orações apresenta um sujeito diferente (*Muitos não fazem...poucos se dedicam...*), por isso é necessário usar a vírgula.

Assim encerramos temporariamente nosso estudo sobre o uso das vírgulas. Na próxima edição ainda estaremos nos ocupando desse assunto, trazendo outros casos e exemplos que nos auxiliem na hora da escrita. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor do Jornal Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação do Jornal Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.

Cores e Sabores da África

Projeto explora potenciais do continente africano

Claudia Sanches

Muito colorido e música na quadra da Escola Municipal Rondon, em Realengo. Movimento, ritmo, contos. Quiabo, maxixe, dendê, frutos nativos. A Copa do Mundo, as pirâmides do Egito, a cana-de-açúcar na Etiópia, os diamantes de Angola, o petróleo da Nigéria e da Líbia. Todas as formas de arte formaram uma exposição para levar um pouquinho do continente que sedia o maior evento futebolístico do planeta.

Mas...como falar sobre esse continente? O desafio foi parte do projeto *Todas as cores da África*, desenvolvido com alunos do Ensino Fundamental. O trabalho surgiu com a proposta de desvendar os seus mistérios e riquezas, desmistificando a ideia de que o berço da humanidade se resume em miséria.

Segundo a professora de Geografia Fátima Vieira, coordenadora do projeto, o objetivo do trabalho foi mostrar a pluralidade do continente africano: "Quando se fala em África, as pessoas pensam em um país só, clima quente e miséria. Mas nosso trabalho revelou nações com grande potencial para o século XXI, com muita riqueza natural, cultural e diversidade", explica.

A professora Ionara de Oliveira, de Língua Portuguesa, coordenava o estande "No tabuleiro da Bahia tem...". Segundo ela, trabalhar a Bahia foi uma forma de contemplar a Lei nº 10.639 e falar sobre a influência africana no Brasil. Os visitantes se encantaram com os legumes nativos da África, como o cará, e com as receitas criadas pelos escravos, como o vata-pá, o bobó de camarão e o mungunzá – nossa canjica.

Durante o evento era grande o número de pessoas que vinham pegar uma receita disponível para o público.



Os alunos mostraram os países com suas diferenças, riquezas naturais, biodiversidade e cultura

A professora Luciana, de Matemática, foi uma que correu para garantir as fórmulas dos quitutes. Para isso os alunos pesquisaram legumes e frutas originários do continente, como a banana, a melancia e o manjeriço. "Através da culinária encontramos uma forma de valorizar nossas raízes. Com isso atraímos as mães, pais e até professores a procura de receitas", comemora.

Outra atividade da turma de Ionara foi o dicionário de palavras de origem africana incorporadas ao nosso vocabulário. Assim as crianças aprenderam e se divertiram com a pesquisa, relata a professora. "Eles descobriram que o vocábulo "murundu", que significa pequeno morro, é o nome de uma rua próxima da escola, e de um grande cemitério na Zona Oeste, e que a palavra Bangu, também uma forma de morro, é de origem africana". Josinete, mãe de Stefannie, ajudou na pesquisa e mostra como a parceria com a família é importante: "Todos os dias pergunto como foi a aula e se quer ajuda. Mas não

faço suas tarefas, apenas estímulo o trabalho e mostro o valor da educação", garante a mãe.

Como não faltam fábulas no imaginário popular, professora Jolcila, da turma da realfabetização, explorou os contos africanos. Os jovens ficaram encantados com a história "Por que a galinha-d'angola tem pintas brancas?" e surgiram ideias para traduzir o conto em maquetes e ilustrações com as sequências que



Egito e Sudão: muita história e política complexa em uma África dominada pela religião muçulmana. Esses países já possuem regiões com grandes focos de população urbana. O continente se prepara para ingressar na economia mundial no século XXI



Vulcões: na pesquisa os grupos exploraram a geologia da África, repleta de regiões vulcânicas, principalmente entre a Síria e Moçambique

são narradas. “Ficou muito divertido. Eles se empolgaram tanto que trouxeram uma galinha-d’angola de verdade”, disse a educadora.

Para resgatar o escambo, uma prática muito comum na África, e estimular uma “nova” forma de economia menos consumista, os alunos da 3ª série reproduziram um bazar simulando o sistema de trocas. A aluna Carol estava no comando. Enquanto atendia a comunidade, Cristina, mãe do estudante Diogo, fuçava as peças, experimentava sandálias e chinelos. “Foi um sucesso. São conceitos que todos podem levar como uma forma de viver melhor com menos matéria e mais criatividade”, concluiu Ionara.

A turma da 6ª série levou a história dos quilombos para a feira cultural. Os alunos mostraram como os escravos fugiam para o interior do país, até locais como Goiás, Minas e regiões do Nordeste, e se organizavam em comunidade. Em geral construíam suas casas com barro e restos de coco e bananeira. Costumavam também plantar e criar animais para sua subsistência. “Até hoje ainda existem essas populações



Desvendando as riquezas da África: cultura, artesanato, dança, culinária e frutos nativos da região foram a atração principal da festa pedagógica da E. M. Rondon. No meio de tantas diferenças socioeconômicas, muito colorido e pluralidade. Professores aproveitam a Copa para falar do potencial do continente



quilombolas espalhadas pelo Brasil”, contava Yuri, na apresentação do estande.

O resgate de personalidades negras pouco conhecidas pela população ficou por conta dos alunos da professora Joana, de História. Entre os heróis, estavam lá biografados personalidades como Milton Santos, mas também havia ilustres desconhecidos, como Antonieta de Barros, a primeira deputada estadual eleita pelo Estado de Santa Catarina, e Lélia Gonzalez, grande antropóloga, que muito contribuiu para o movimento negro.

No estande da África do Sul, além dos estádios que vão abrigar os jogos da Copa do Mundo, estavam retratadas as doenças que afligem o continente, a recente história de segregação racial, bem como os aglomerados urbanos e os processos de transformação que vão incluir o continente na economia mundial. Paralelamente às produções nos estandes, os jovens fizeram apresentações de danças típicas e coreografias de *hip-hop*, samba, capoeira. No final da festa, mais de 70 pessoas cantaram a música “Olhos Coloridos”, composição do ilustre desconhecido poeta Macal, eternizada na voz de Sandra de Sá. A comunidade não conseguiu conter a emoção. Para conferir basta acessar o *blog* da escola, organizado pela professora Cristiane, de Matemática: emrondom.blogspot.com

Escola Municipal Rondon
Rua Claudino Barata, 1.267 – Realengo
– Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21770-200
Tel.: (21) 3333-0832
Diretor: Celso Luiz dos Santos Gomes
Fotos: Marcelo Ávila

O número é... Bingo!!!

Alunos do EJA se divertem com revisão e reforço de conteúdos

Sandra Martins

“Preparem-se, senhoras e senhores. Fiquem atentos. Ganha aquele que preencher toda a cartela e gritar Bingo!”. O alerta dado dá o tom do clima da competição. Todos os competidores prestam muita atenção para não “engolir barriga” – gíria de quem, por distração, deixa de marcar o número sorteado ou “cantado”. Ou melhor, em vez de números, o professor sorteia o nome da disciplina para que a turma localize na cartela correspondente. Em seguida, é feita uma pergunta para que os alunos procurem na cartela a resposta correta e a marquem com um X. Vence aquele que preenche toda a cartela. E, aí, Bingo!

A brincadeira chamada de “Bingo Multidisciplinar” é, na realidade, um projeto pedagógico criado pelo professor de Matemática Marco Chacon, do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Cônego Goulart, localizada no bairro Pita, no município de São Gonçalo. A ideia, conforme a diretora geral Sandra Bárbara Soares de Mello, surgiu da necessidade de reforçar o conteúdo dado aos estudantes do EJA. “Estes alunos apresentam defasagem idade/série e encontram enorme dificuldade na aprendizagem. Em geral, não dispõem de tempo para estudar, pois trabalham durante o dia e vêm direto para a escola. Assim, com criatividade e empenho de toda a equipe, os alunos sentiram-se estimulados a transpor seus limites”.

Inúmeras foram as reuniões entre professores e a coordenação pedagógica para a definição e formatação do projeto. Até um simulado, com todos os docentes, foi realizado. “Precisávamos testar a dinâmica e solu-



No Bingo, qualquer desatenção pode ser motivo para os competidores “engolirem barriga”. Então toda a atenção é pouco

cionar possíveis problemas, para evitar o desinteresse dos alunos com perguntas mal formuladas, por exemplo”. De acordo com a professora e coordenadora pedagógica Norma Costa Faria, a perspectiva do projeto era unir o reforço do conteúdo à ludicidade do brincar de aprender.

Inicialmente, a equipe de professores do EJA definiu o formato e as regras do jogo. Depois elaboraram perguntas sobre todo o conteúdo estudado, segundo suas disciplinas. Fizeram as adaptações e as distribuíram em cartelas diferenciadas por cores: verde para Matemática, Ciências e Educação Artística; amarelo para Língua Portuguesa e Língua Inglesa; e azul para História, Geografia e Educação Física.

Após a aprovação de todos, definiram-se a data de sua realização e as formas de publicidade do evento. As estratégias de divulgação do

Professor Chacon estimula os alunos-competidores a prestarem atenção à pedra cantada



“Bingo Multidisciplinar” foram baseadas em duas ações: um varal afixado no pátio da escola com frases motivadoras à participação dos alunos e o

incentivo dos professores em sala de aula.

Entre as perguntas formuladas, constam, por exemplo: a Copa 2010 foi tema da disciplina de Educação Física – “Quantos países disputarão?”. Resposta na cartela: 32; em Português o aluno teria que completar a afirmação “Plural de pão é...”. Resposta: “pães”; já em Ciências, “Conjunto de indivíduos da mesma espécie é...”. Resposta: “população”; na Geografia, “Qual é o maior rio da América?”. Resposta: “Rio Amazonas”; em Inglês pediu-se a versão de “Mês passado”, cuja resposta era “Last Month”; em História, a pergunta versava sobre “Um problema ambiental gerado pelo consumismo...”. A resposta na cartela é “excesso de lixo”; e, na Matemática, “A quarta parte do número ‘A’ é...”. Resposta na cartela: “A/4”.

O vencedor foi aquele que primeiro assinalou toda a cartela com o X. Cada turma presenteou seus vencedores e estes foram premiados. O “Bingo Multidisciplinar”, de acordo com a diretora adjunta Mair de Castro Costa, alcançou plenamente os objetivos propostos, que foram a revisão

e o reforço do conteúdo do bimestre de forma lúdica.

O mais positivo neste trabalho, que, no entendimento de Márcia de Fátima Fernandes, diretora adjunta, baseou-se no empenho, força e de-

terminação da equipe de professores do EJA, foi constatar, através dos depoimentos dos alunos, o sucesso do bingo. Janaína, do 7º ano, disse que o trabalho foi maravilhoso, já que prevaleceram a alegria e a interação entre o grupo. Camila, 8º ano, afirmou ter adorado participar do bingo: “Sabia tudo da matéria. Me dei bem”. Já Tiago, 9º ano, conseguiu superar seu medo inicial: “Estava com medo de participar, mas valeu a pena. Foi supermaravilhoso”. No mesmo tom animado, Charles, 6º ano, surpreendeu-se com seu próprio desempenho, declarando ter sido o bingo “o máximo”.



Professora Adriana Gonçalves do Rosário com o aluno Thiago, 9º ano, que superou o medo de participar: “Valeu a pena. Foi supermaravilhoso”

Escola Estadual Cônego Goulart

Rua Doutor Pio Borges, 1.287 – Bairro Pita – São Gonçalo/RJ

CEP: 24412-000

Tel.: (21) 2729-5767

Diretora Geral: Sandra Bárbara Soares de Mello

Fotos cedidas pela escola.

Passo a passo do Bingo Multidisciplinar

Marco Chacon, professor de Matemática, dá as dicas de como transformar um tradicional jogo de bingo em uma proposta pedagógica de revisão de conteúdo multidisciplinar.

Em primeiro lugar é formada uma comissão com quatro professores, sendo cada um responsável por uma série. Cada docente de cada disciplina de cada série elabora 15 perguntas, com respostas curtas e objetivas, de conteúdo aplicado.

Em seguida, confecciona-se uma lista numerada de 1 a 90. Os números de 1 a 12 são referentes à disciplina de Português; de 13 a 26, Matemática; de 27 a 37, Geografia; e, assim, sucessivamente.

A cartela é confeccionada em uma folha A4, onde são definidas três colunas horizontais e cinco verticais. Cada coluna contém: a resposta, conforme definido no passo anterior, a matéria e o número da sequência numérica do bingo.

As pedras são feitas em papel e recortadas, com pergunta e resposta, matéria e número – que facilitarão a correção quando da conferência do vencedor.

São produzidos cartazes de divulgação da data para a aplicação do projeto pedagógico em todas as séries simultaneamente, além do incentivo dos professores em sala de aula.

O professor “canta” a pedra; depois a matéria e, em seguida, a pergunta, sucessivamente.

Finalmente, quando um aluno grita “Bingo”, a cartela é conferida pelos números.

CÉLULA	CONDROCTOS	INGLATERRA	LAST MONTH	NÃO
CIÊNCIAS - 1	CIÊNCIAS - 11	HISTÓRIA - 38	INGLÊS - 39	PORTUGUÊS - 44
11 JOGADORES	ESTADOS UNIDOS (E.U.A.)	EURO	TWO DAYS AGO	EXPRESSION ALGÉBRICA COM MAIS DE UM ANO
EDUCAÇÃO FÍSICA - 17	GEOGRAFIA - 28	HISTÓRIA - 44	INGLÊS - 61	MATEMÁTICA - 73
ANDRÓIDE	CIDADA BRIGADA A CONSERVADOR COM A METRÓPOLE	RENY	$\frac{A}{4}$	PÃES
EDUCAÇÃO FÍSICA - 23	HISTÓRIA - 49	INGLÊS - 56	MATEMÁTICA - 67	PORTUGUÊS - 80

TECIDO	PLAQUETAS	INGLÊS	ESCRAVOS	44
CIÊNCIAS - 1	CIÊNCIAS - 12	GEOGRAFIA - 36	HISTÓRIA - 51	MATEMÁTICA - 71
32 PAÍSES	ARBITRO PRINCIPAL	EM CANA	8 X	VERBO
EDUCAÇÃO FÍSICA - 19	EDUCAÇÃO FÍSICA - 24	HISTÓRIA - 48	MATEMÁTICA - 68	PORTUGUÊS - 85
CLIMA TROPICAL	CONSUMISMO	LAST NIGHT	3Z	PRETERITO
GEOGRAFIA - 31	HISTÓRIA - 46	INGLÊS - 59	MATEMÁTICA - 67	PORTUGUÊS - 89

Artes de um tudo

Arte milenar de teatro de bonecos atrai educadores

Claudia Sanches



“O corpo é feito de garrafa *pet* reaproveitada. A estrutura é revestida com resto de papel de provas antigas doado pelas escolas. As roupas são restos de fantasia da escola de samba Beija-flor de Nilópolis. E os cabelos, confeccionados com restos de fita cassete”. Quem descreve a marionete chamada Passista é a sua autora, a artista plástica Elizabeth Cunha. Enquanto fala sobre a arte milenar, o



A artista plástica Elizabeth Cunha coordena o “Instituto Artes de um tudo”, que produz bonecos a partir de garrafas *pet*. A ONG conta com a parceria da escola de formação de professores, que leva as futuras educadoras a conhecer a experiência e aprender a utilizar os bonecos como ferramenta em sala de aula

público impressionado tenta entender como a sucata se transformou naquele boneco cheio de brilho e de ginga, manipulado por um fio e ao som de um samba.

Passista e as outras marionetes e fantoches, produzidos pela ONG “Instituto Artes de um Tudo”, levam a Lei de Lavoisier às últimas consequências. Tudo é transformado em arte. A atividade é dirigida pela própria Elizabeth Cunha e pela coordenadora Josy Monteiro, que abrem o espaço em alguns finais de semana para divulgar o trabalho de bonecos e conscientizar sobre a necessidade de redução de lixo na natureza.

Uma vez no mês a ONG abre as portas para a comunidade e organiza um evento que inclui oficina de confecção de bonecos, exposição do acervo do Instituto e uma apresentação de teatro de marionetes. Adultos e crianças ficam encantados não só com as obras-primas, mas, também, com a performance dos bonecos dentro e fora de cena. “Aqui nós reaproveitamos, não há reciclagem, que é um outro processo. A garrafa *pet* não é um inimigo da natureza; nós a reutilizamos, reduzimos o lixo e a transformamos em arte”, ressalta Elizabeth.

A primeira atividade do encontro é a oficina de bonecos. A artista, junto com a coordenadora Josy Monteiro, ensina educadores e crianças a fazer os brinquedos. Os pequenos se divertem e os adultos podem usar suas produções como ferramenta em

sala de aula ou na comunidade. Walem Rocha, professor de Artes aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é um dos que deseja aprender a reutilizar a sucata e produzir os bonecos. Nascido e criado na comunidade quilombola Fortaleza dos Pretos, em Cururupu, no Maranhão, Walem tem um projeto de trabalhar a nova técnica com a comunidade local. “Saí de lá, vim para o Rio estudar e agora volto como educador. O objetivo é conscientizar a população, e essa arte é uma ferramenta não só para falar sobre a questão do lixo, mas também levantar outros temas” diz ele, que quer adaptar a técnica para a festa do Bumba-meu-boi, tradicional no seu estado de origem.

Hoje, segundo Elizabeth, a procura do espaço pelo educador é muito grande. “O professor é um multiplicador, passa a informação para outras pessoas”, confirma. A artista lembra que cada oficina é direcionada a um público específico. As crianças aprendem o passo a passo para fazer o boneco, e o professor se instrumentaliza para usar em sala de aula.

A professora Mônica Salles, que trabalha na rede pública de ensino, também começou a fabricar bonecos através da técnica e está



exercitando ainda mais sua criatividade em sala, além de criar outros métodos pedagógicos alternativos com sucata. “Aproveito as garrafas para fazer os brinquedos e agora estou ensinando multiplicação com as tampinhas e canudos. Hoje cada criança já tem o seu *kit* de Matemática na mochila”.



O projeto conta com a parceria do Instituto de Educação Carlos Pasquale. As alunas do curso de “Práticas Pedagógicas” também participam das oficinas e levam as ideias como recursos didáticos para a escola.



“A tendência é a utilização na área de Educação”, confirma Elizabeth, mas o trabalho é procurado por outros segmentos da sociedade. Antônia Nascimento, que integra o projeto Sala Verde, da equipe de Educação Ambiental de Mesquita, esteve no instituto para aprender as técnicas e capacitar o artista da comunidade. “Trabalho com caixas ‘tetra-pac’ e de sabão em pó. E ver esse material se transformando em uma embalagem para presente é mágico. Esse espaço foi um achado e quero compartilhar essas novidades com minha comunidade”, disse a ambientalista.



Para Elizabeth, a arte de bonecos, além de ser bela por si só, está cumprindo um papel social: “Estamos conseguindo fazer com que as pessoas se interessem, e o objetivo do trabalho é a sensibilização; estamos despertando a opinião pública para várias questões”. No *site* da ONG muitas pessoas aprendem o passo a passo para a confecção das peças. De acordo com Elizabeth, muitos educadores, artistas ou curiosos buscam a página para aprender a fazer

A ONG abre suas portas à comunidade: expõe o acervo, apresenta teatro de marionetes, oferece oficina para crianças e educadores. Tudo é produzido com material reaproveitado: garrafas pet, sucata e muita criatividade



e enviam sugestões e agradecimentos. “Os campeões de acessibilidade no You Tube são os esquemas do fantoche de meia e do boneco do mosquito da dengue, que é usado para fazer campanha de prevenção dentro e fora das salas de aula”, conta a coordenadora. Para conhecer mais o projeto e a sede da ONG basta acessar www.artes-deumtudo.com.



Instituto Artes de um Tudo
Rua Joaquim Máximo Soares, 178
Olinda – Nilópolis/RJ
CEP: 26519-194
Tel.: (21) 9966-7015
Coordenação: Josy Monteiro
Fotos: Marcelo Ávila

Manual do professor de sucesso

Parte 1

Germano Assad

É...os tempos mudaram – assim como o perfil da nova geração de alunos. É simplesmente impensável, nos dias de hoje, para um professor, limitar-se ao quadro-negro e à sala de aula. A televisão, veículos segmentados e, principalmente, a Internet propiciam uma possibilidade de acúmulo de informações jamais vista. Há alunos que chegam “afiados” na escola, e sem a menor paciência para seguir aquele plano didático tradicionalmente lento e cansativo. Na mesma medida, existem outros que não acompanham o ritmo acelerado dos primeiros. E cabe a quem lidar de maneira sensível e eficiente com a situação? A você, professor, que também tem de mudar se quiser ser desejado pelo mercado de trabalho.

Profissão Mestre ouviu especialistas de nove grupos educacionais – todos com vários anos de casa, e que participam ativamente do processo de recrutamento e seleção da instituição –, para descobrir comportamentos e qualidades considerados primordiais na hora da contratação de um professor. Confira as valiosas dicas listadas a seguir, resultado dos assuntos mais abordados por eles.

1) Visão e valores da instituição

Procure conhecer a filosofia de conduta da escola para a qual se candidatou; metodologia de ensino e material didático. Se o ambiente e as ideias lhe agradam é porque há identificação. As instituições de ensino procuram se destacar no mercado oferecendo propostas novas, e o professor deve estar ciente disso. Carlos Dorlass, diretor geral das escolas Positivo, afirma: “Nossa expectativa é que os novos contratados estejam rapidamente integrados à filosofia da instituição e que possam contribuir, por meio de suas experiências, para transformar pensamentos em ações e sonhos em realidade”. Adaptação, neste caso, é tudo. O aspirante deve se mostrar flexível a mudanças.



O psicopedagogo Marcos Meier, diretor geral do Grupo Martinus, dá uma amostra da postura da escola em relação a seus profissionais: “Procuramos formar nossos professores nas semanas pedagógicas refletindo com eles os princípios que nos norteiam. Além disso, nessas reuniões há espaço para que se questione a postura da escola em relação às situações mais práticas”. Portanto, esteja sempre preparado para abrir mão de velhas convicções.

2) Imagem de credibilidade do profissional

Transmita uma imagem de competência e confiabilidade. O professor é, para seus alunos, um espelho da sociedade. Para os pais e a comunidade, um reflexo da instituição. Demonstração de ética profissional é fundamental. “A gente espera que o pretendente a uma vaga seja, em primeiro lugar, ético o suficiente para não denegrir a imagem da escola onde está atualmente”, revela Meier.

Porém, não abra mão de suas características. As escolas se interessam por profissionais variados, e simular um perfil que você julga mais adequado apenas demonstrará falta de personalidade. “Nós, obviamente, procuramos e queremos que exista uma diversidade de professores na escola. Tanto na forma de pensar, em termos de ideologia, como também na postura”, diz Jacir Venturi, diretor do Colégio Unificado.

3) A experiência de um professor é sua melhor testemunha

Experiências bem-sucedidas em trabalhos anteriores são muito importantes para mostrar o que você pode oferecer à instituição. Inovação é tudo. Não basta ter lecionado durante vários anos se você nunca deixou de seguir a cartilha em alguns momentos. “O que a gente quer é que o professor tenha a capacidade de inovação, criatividade e adaptação. Um professor que esteja à frente do seu tempo”, revela Gleyds Silva Domingues, diretora de ensino do Colégio Opet. “Não que uma pessoa sem experiência não possa ter chances, mas a prática e a formação podem te dar algumas pistas de como esse professor pensa a educação”, complementa Eloísa Ponzio, diretora de formação contínua e eventos do Grupo Pueri Domus.

A inovação e a criatividade entram neste mesmo quesito, de experiência, de acordo com a opinião de Alberto Francisco do Nascimento, coordenador de vestibular do Anglo. “Os docentes têm toda a liberdade para inovar, para sair da sala de aula, fazer algo diferente. Tem professor que gosta de usar *power point*, de fazer demonstrações em sala, e para tudo isso eles têm nosso respaldo. Não precisam ficar só na aula teórica, apesar de o vestibular não exigir nenhum exame prático”, exemplifica.

4) Domínio pleno na sua área

O mercado está cada vez mais segmentado. Por isso, é imprescindível que você domine amplamente o conteúdo que pretende lecionar. E tão importante quanto conhecer a matéria é saber transmiti-la aos alunos. Élio Mega, coordenador do Curso Etapa, exige que o profissional, além de dominar o assunto, seja, também, um bom comunicador. “Acima de tudo, o professor deve mostrar que seus alunos estão aprendendo com a sua didática, e que estão apreciando seu trabalho”, diz. Alberto, do Anglo, faz coro: “Muitas vezes, a pessoa pode ter um conhecimento vasto, mas não tem aquele dom pra ser professor, não consegue transmitir o conteúdo de maneira eficiente. Ou, às vezes, ele pode até ter o dom, a didática, mas não tem aquele domínio que desejamos sobre o conteúdo”.

Walter Castelli Jr., diretor pedagógico do Sistema Integral de Ensino, vai ainda mais longe. “O candidato deve dar igual atenção aos três com-

ponentes principais da atividade de professor: a gestão da informação, que compreende o domínio de conteúdos específicos e de metodologias de transposição didática; a gestão de relacionamento humano; e a autogestão, que compreende a capacidade do professor de se manter em harmonia consigo mesmo para fazer bem o seu trabalho”.

5) Ser professor é mais que uma profissão

A educação acompanha o profissional 24 horas por dia. Portanto, não deixe dúvidas de que escolheu a profissão certa! É preciso amar o que faz e educar com entusiasmo. “Para nós é fundamental a garra, a vontade de trabalhar com o jovem. Analisamos muito isso. É fundamental ter ‘clima’, ter gosto pela profissão”, ressalta Jacir Venturi. No Opet, a procura é por profissionais que trabalhem com as questões de valores, que pratiquem um bom exercício de cidadania. “O que a gente quer é um profissional que esteja à frente do seu tempo”, reforça Gleyds Silva. “É necessário que nele se manifestem alegria e satisfação por estar no trabalho; o prazer do relacionamento com os alunos e colegas no trabalho, a construção do conhecimento”, resume Castelli.

Outro aspecto interessante é a responsabilidade social que, hoje, é uma tendência do mercado. Quando falamos em Educação, isso se torna ainda mais indispensável. “O educador precisa ser socialmente responsável, no que diz respeito a cidadania, meio ambiente e outras vertentes da sociedade. Precisa, ainda, envolver os alunos nestas questões”, diz Élio Mega, do Etapa.

6) Eterno aprendiz

O mundo está mudando cada vez mais rápido e, junto com ele, as crianças e adolescentes. Se você resolver “estacionar”, estará obsoleto em pouco tempo. Humildade para reconhecer os pontos pouco desenvolvidos é algo bem valorizado. Mas a disposição para treiná-los é ainda mais. “A questão da formação contínua é uma demanda não só da área educacional, mas do mercado como um todo. E, quando a gente fala de professor, isso fica ainda mais destacado, porque lidamos com a formação de crianças e de jovens. E eles, rapidamente, acompanham os ritmos de mudança, incorporam novas formas de aprender, de estudar, enfim, novas tecnologias”, reitera Eloísa, do Pueri Domus.

Cursos oferecidos pela própria escola, congressos, seminários, reciclagens, tudo é válido. Além do aperfeiçoamento e atualização profissional, seu *networking* é trabalhado naturalmente, o que lhe abre a mente para novos conceitos e tendências.

Matéria extraída da Revista Profissão Mestre, em 21 de junho de 2010.

<http://www.profissaomestre.com.br/php/verMateria.php?cod=3527>

Professor, conte com os

Projeto aposta na paixão das crianças pelos animais

Claudia Sanches

Abelharuco. Conhecido como abelheiro, abelhuco, barranqueiro, é um grupo de aves que se distribui pela Europa, África e sul da Ásia. Em Portugal, são abundantes na zona do Alentejo. Esses pássaros migratórios de médio porte possuem bico longo e cauda bem marcada e arredondada.

“Abelharuco?”. Muita gente grande não conhecia. Esses e outros animais exóticos fazem parte do “Bichionário”, produzido pelas turmas do 1º, 2º e 3º anos da Escola Municipal Amélia Antunes Rabello, em Itaipava, município de Petrópolis. O dicionário é uma das produções do projeto *Conte com os bichos*. Tudo aconteceu quando as crianças se depararam com esse animal em um conto e resolveram pesquisar o significado.

Assim nasceu o projeto, com as Professoras Cláudia Mesitieri, Daniela Caetano e Raquel Coelho. No decorrer das atividades outros educadores e funcionários ficaram empolgados e começaram a participar. “As crianças adoraram o tema. O abelharuco foi o ponto de partida para as descobertas, o que resultou em grande surpresa quando perceberam que é um lindo pássaro”, recorda Claudia.

Levando em consideração a alfabetização, as equipes organizaram o dicionário, onde cada bicho foi apresentado em ordem alfabética, com local de origem, história de cada um, características e curiosidades. A partir daí começaram a trabalhar todas as letras do alfabeto com os bichos e suas definições.

Abordar a temática do meio ambiente através da biodiversidade e aprimorar as estratégias de leitura e aquisição da escrita foram as propostas do projeto, de acordo com a professora Ra-



Aprendendo com os bichos; o bichionário surgiu com o significado de um animal que a classe não conhecia - o abelharuco

quel. “A equipe pedagógica decidiu investir no letramento e alcançar a comunidade escolar na questão ambiental e nos valores éticos. Assim apresentamos a proposta do projeto”, confirmou a professora.

Para Claudia, a introdução do tema através de contos e cantos despertou interesse nos alunos. Depois eles vivenciaram a teoria através dos passeios, onde viram muitos animais que já conheciam e sobre os quais tinham muitas informações: “Percebi que, quando o conteúdo parte de uma realidade e de forma lúdica, as atividades passam a ter mais sentido. Foi muito importante proporcionar aos alunos um estudo

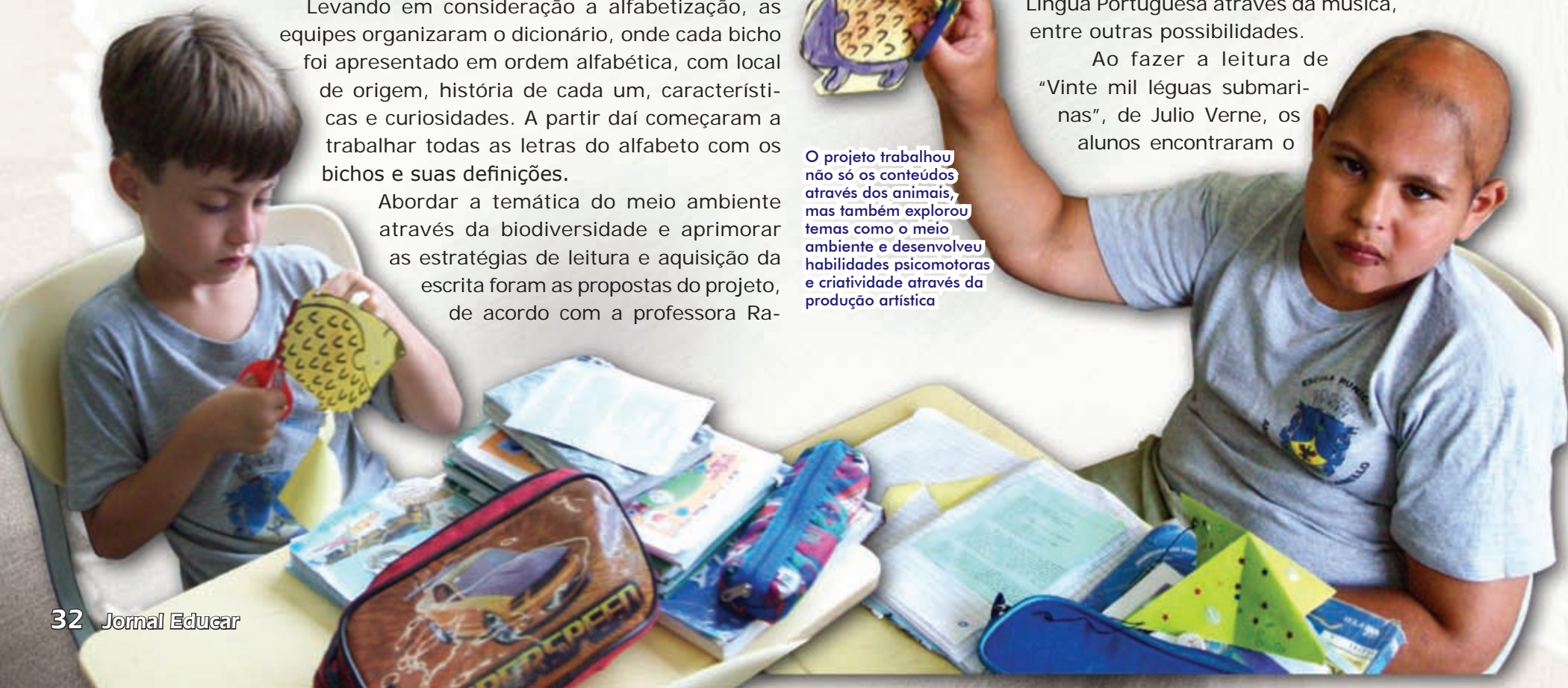
contextualizado, envolvendo o meio ambiente, voltado ao lema do Jardim Zoológico: “Conhecer para preservar”. A maioria nunca tinha lá, lembrou a Professora, que conheceu o Museu do Meio Ambiente através das páginas do *Jornal Educar*.

De caráter interdisciplinar, o projeto permitiu que a equipe envolvesse todas as áreas do conhecimento, como Geografia, a partir do local de origem das espécies, os meridianos e fusos horários com as terceiras séries; Matemática, com o calendário; Ciências, através das características da fauna; Língua Portuguesa através da música, entre outras possibilidades.

Ao fazer a leitura de “Vinte mil léguas submarinas”, de Julio Verne, os alunos encontraram o



O projeto trabalhou não só os conteúdos através dos animais, mas também explorou temas como o meio ambiente e desenvolveu habilidades psicomotoras e criatividade através da produção artística



dugongo, um mamífero que vive nas águas frias dos oceanos Índico e Pacífico. “A partir daí eles iam para a casa pesquisar e descobriram que a lenda da sereia surgiu com esse animal, que se assemelha ao nosso boto e está quase em extinção. A gente aprendia muito também porque eles traziam muitas curiosidades”, conta a professora Raquel.

Com a temática eles realizaram atividades em sala de aula como dobraduras, labirintos, arte em argila, entre outras atividades. A equipe selecionou o material produzido pelos alunos para exposição durante a apresentação.

A escola realizou a culminância do projeto junto à comunidade. O encontro envolveu apresentação de grupo de dança, exposição de trabalhos manuais, fotos, os “bichonários” dos grupos e pintura de animais no corpo das crianças. A exposição contou com os trabalhos produzidos pelos alunos, *origamis*, painéis, teatro, artesanato e dança. Durante o encontro a escola contou com animadores que estamparam figuras na pele das crianças.

Segundo Raquel, a aprendizagem foi otimizada e as ações contribuíram para a formação de cidadãos mais conscientes de sua responsabilidade e seu papel na sociedade:

“Os objetivos superaram nossas expectativas, pois vimos as curiosidades sendo aguçadas através da participação e empenho dos alunos. Conseguimos contextualizar o meio ambiente nos conteúdos trabalhados em sala de aula, de forma interdisciplinar”.

O aluno Jonas, do 3º ano, adorou conhecer os bichos exóticos: “O trabalho foi muito legal. Agora eu gostaria de estar lendo o bichonário inteiro para não esquecer dos animais. Aprendi a não botar a mão no porco-espinho e não arrancar o casulo da borboleta, se não serão menos criaturas no mundo”, conta o menino.

Camila, também do 3º ano, adorou confeccionar e trabalhar com os bichos: “Fazer o dicionário foi uma aventura cheia de emoções, pois conheci bichos que eu nunca tinha visto e pude ir ao Zoológico. Tudo lá foi muito engraçado e na escola fizemos um caderno com 19 animais. O que mais me chamou a atenção foi o coala”.

A professora Raquel ressalta que a experiência ainda está rendendo frutos esse ano. Os estudantes estão mais conscientes de como é importante preservar a natureza.

“O objetivo idealizado foi alcançado, pois ainda vemos alunos trazendo algo novo e textos sobre os animais. Construímos conhecimento durante todo o projeto e, através das pesquisas que fizemos, fomos surpreendidos com novidades que enriqueceram nosso trabalho, não só naquele momento, mas sabíamos que poderíamos aplicar esse conhecimento em anos posteriores”. Os educadores conseguiram trabalhar leitura e produção textual e passar a mensagem de respeito ao meio ambiente e às espécies. E os bichos agradecem.

Os pais contemplaram os trabalhos dos filhos e se divertiram com as novidades do bichonário. E os alunos também puderam fazer o que as crianças mais gostam: brincar e se fantasiar

© projeto começou na sala de aula, mas estapou os muros da escola. As crianças foram pela primeira vez ao Jardim Zoológico e ao Museu da Vida, no Jardim Botânico

Escola Municipal Amélia Antunes Rabello
Rua José da Gama Machado, s/nº – Madame Machado – Distrito de Itaipava – Petrópolis/RJ
CEP: 25600-000
Tel.: (24) 2222-5113
Diretora: Maria Aparecida de A. Freitas
Fotos cedidas pela escola



SOLETRANDO NO CIEP

Atividade extracurricular transforma o cotidiano escolar e faz alunos se interessarem pela leitura

Marcela Figueiredo

Para os educadores, os problemas do cotidiano escolar podem se transformar em trampolins na busca da melhor formação dos seus alunos. Foi o que aconteceu no Ciep Nação Mangueirense – Governador Leonel Brizola. Um dia a diretora adjunta da escola foi obrigada a fechar as portas para seus educandos. A falta de professores e muitos horários vagos deixavam os estudantes agitados no pátio do colégio, atrapalhando a rotina escolar. Então, para não prejudicar outros jovens que estavam em aula, ela foi obrigada a mandá-los pra casa.

“No momento em que eu tive que fazer isso senti um enorme aperto no coração. Naquele instante pensei: se a própria escola é obriga-

da a fechar as portas para seus alunos é porque ela está falhando”, conta a Professora Heloisa M. Pires. Ao invés de cair no conformismo e repetir o mesmo ato nos dias seguintes, ela resolve colocar em prática uma ideia antiga: organizar na escola um campeonato de soletração. “Muito antes de existir na televisão o programa ‘Soletrando’ eu já pensava em fazer algo parecido, mas nunca havia tido coragem”, relata a diretora com 24 anos de magistério.

Foi então que ela resolveu arregaçar as mangas e envolver toda a comunidade escolar no projeto. Desenvolveu a ideia, escreveu o projeto e começou a implementá-lo ainda no mês de abril deste ano. Para atrair a atenção dos alunos, ela usou estratégias de *marketing* espalhando cartazes pelos corredores e pátios do colégio com frases soltas, do tipo: Você gosta de desafios?

Os estudantes logo começaram a ficar curiosos e perguntando do que se tratava. O segundo passo foi iniciar o período de inscrição. Independente do turno e da série todos os alunos podiam participar. Ao todo, foram 66 inscritos, dos quais 22 passaram para a fase semifinal. Até chegar aos seis finalistas foi possível perceber que a



Mesa composta por professores e colaboradores fiscaliza cada palavra soletrada



João Pedro: calma e concentração foram essenciais para chegar à fase final

escola conseguiu despertar nos jovens valores maiores que o desejo de simplesmente competir e enfrentar desafios. Quando um aluno era eliminado, por exemplo, em vez de vaias era possível ouvir aplausos e ver o companheirismo entre eles com os abraços e a troca de olhares, que poderiam ser facilmente traduzidos como “você já é um campeão”, “não fica assim, não chora”.

A torcida foi um espetáculo à parte. Gritos de guerra e cartazes demonstravam quais eram os preferidos de cada grupo. Tudo muito espontâneo e do jeito que eles queriam fazer. A disputa foi ficando acirrada e, enquanto uns tropeçavam nos acentos, dígrafos e encontros consonantais, outros surpreendiam os próprios professores soletrando perfeitamente palavras como “consanguíneo”, “ofiófago”, “polirritmia”, “recessão”, “usança” e “xinxim”.

Isso sem falar das palavras homógrafas e parônimas, perfeitamente desvendadas com o auxílio dos significados e aplicação em uma frase.

Outro obstáculo superado pelos educadores do Ciep Nação Mangueirense foi a conquista de patrocínio para a premiação. “Quando anunciamos que o primeiro colocado ganharia um *laptop* eles duvidaram e chegaram a falar que era mentira”, revela Carlos Alberto Barbosa, diretor da escola há dois anos. Eles não podiam frustrar a expectativa dos alunos e começaram a correr contra o tempo em busca de um patrocinador. Fizeram o contato com a distribuidora que fornece alimentos para a escola e, logo após os primeiros contatos, o computador estava comprado. O aparelho celular e o MP4, prêmios do segundo e terceiro lugares, respectivamente, foram comprados pela própria direção.



Alunos se animam com projeto e organizam torcida para apoiar os finalistas

Do primeiro dia de inscrição até a disputa final a escola não precisou “fechar as portas para seus alunos” porque, mesmo durante os horários vagos, eles participavam de uma tarefa educativa lendo o livro recomendado pelos organizadores do *Soletrando no Ciep* ou memorizando palavras do Minidicionário Aurélio. O tempo vago se transformou em momento de aprendizado e a escola cumpriu o seu papel.

A primeira colocada no *Soletrando* foi Jaqueline Galvão, aluna do segundo ano do Ensino Médio. O segundo e o terceiro lugares ficaram respectivamente com Manoela Munam, sétimo ano do Ensino Fundamental, e Helber Avelino, do segundo ano do Ensino Médio. Mas a vitória foi para toda a comunidade escolar, que, ao final do trabalho, pôde perceber a mudança positiva no comportamento dos alunos. Utilizando as palavras da diretora Heloisa, “a escola conseguiu chegar lá...”.



Vencedores do concurso com os diretores do Ciep Nação Mangueirense

Ciep Nação Mangueirense – Governador Leonel Brizola
Rua Santos Melo, s/nº – São Francisco Xavier – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20960-030

Tels.: (21) 2241-6226 / 2281-3330 / 2501-6358

Diretora adjunta: Prof^a Heloisa Maria de Almeida Pires

Fotos: Fábio Lacerda

Bibliografias utilizadas pela escola:

Proezas de João Grilo, de João Ferreira Lima.

Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda

Saúde

RAFAEL, 15 ANOS

Leucemia

ELE RECEBEU SANGUE E NASCEU DE NOVO.

DOE SANGUE E
FAÇA ALGUÉM
NASCER DE NOVO.

Veja depoimentos de quem nasceu de novo
FACAALGUEMNASCERDENOVO.COM.BR



www.saude.gov.br

DISQUE SAÚDE 0800 61 1997



Ministério
da Saúde



Programa
Saúde 10
Appai

"Inove seu estilo de vida"

DOAR SANGUE E PREVENIR DOENÇAS AJUDAM A SALVAR A VIDA DE MILHÕES DE BRASILEIROS.
O Programa Saúde 10 Appai tem por objetivo promover a Saúde, prevenir Riscos e Doenças e melhorar a Qualidade de Vida.

Dez passos para seu filho não ter cáries

Conheça dicas importantes dos especialistas Lúcia Coutinho, membro da Associação Paulista de Odontopediatria, e do odontopediatra Fábio Bibancos, autor do livro "Um sorriso feliz para seu filho" (Editora CLA) e presidente da ONG Turma do Bem, para evitar o surgimento de cáries nas crianças.

1 = Mesmo antes do surgimento dos primeiros dentinhos, os especialistas indicam que os pais façam uma limpeza na boquinha dos bebês. Basta enrolar no dedo indicador uma gaze ou fralda umedecida em água filtrada morna e passá-la levemente sobre a gengiva deles. É indicado que esta higiene seja feita antes de dormir, o que irá fazer com que a criança comece a se acostumar com o hábito da limpeza, facilitando o uso posterior da escova dental.

2 = Beijar a boca do bebê, limpar o bico da chupeta ou mamadeira com a própria boca e assoprar a papinha para esfriar são algumas atitudes recorrentes que devem ser evitadas, pois facilitam a transmissão de bactérias da boca dos pais para a boca do bebê e podem aumentar as chances do aparecimento de cáries.

3 = Os cuidados com os dentes de leite devem ser os mesmos tomados com os permanentes. Eles são importantes para a mastigação na infância e principalmente para guardar o espaço dos dentes que virão. Uma cárie que acometer um dente de leite pode se desenvolver a ponto de prejudicar o dente permanente.

4 = Durante o sono, a salivagem de crianças e adultos diminui, e a ação das bactérias na boca pode ser potencializada. Com isso, os especialistas indicam que as crianças não devem dormir após mamar sem realizar a limpeza da boca. Esta falta de higiene colabora para o surgimento da cárie, que pode evoluir rapidamente.

5 = Os pais devem evitar que a criança tenha uma dieta rica em carboidratos e açúcares. O consumo frequente de doces, chicletes, refrigerantes, salgadinhos e sucos industrializados colabora para a exposição da criança à formação de ácidos. Esses produtos atacam os minerais dos dentes, ocasionando cáries e até a erosão dentária.

6 = Fazer com que a criança se alimente em horários predefinidos, e não indiscriminadamente,

também é importante. Além disso, a escovação dos dentes deve ocorrer três vezes por dia: de manhã, após o almoço e antes de dormir.

7 = É preciso, ainda, valorizar a hora da escovação para que a criança cresça desenvolvendo os hábitos de limpeza. Escovar os dentinhos da criança de maneira lúdica, por exemplo, com escova e pasta de dente colorida, a deixa mais receptiva para a higiene.

8 = Até os dez anos de idade, a criança ainda não possui a coordenação motora ideal, tornando a supervisão dos adultos necessária. Mas é importante deixá-la fazer a escovação primeiro sozinha. Depois, o adulto entra em cena para finalizar a higienização.

9 = A higienização correta é realizada com o uso de escova, pouco creme e fio dental adequados às crianças, conforme orientado pelo odontopediatra. Se a criança não souber cuspir ainda, é indicado o uso de creme dental sem flúor.

10 = As crianças orientadas sobre a importância da saúde bucal se tornam adolescentes mais habituados à higiene da boca. Para que isso ocorra, a visita a um odontopediatra desde o primeiro ano de vida é necessária para se criar o hábito – o profissional vai estimular a higiene, opinar sobre a dieta e usar técnicas, como aplicações tópicas de flúor ou selantes, dependendo da necessidade.

Leia a matéria na íntegra. Fonte: <http://oriobranco.net/noticias/3102-10-passos-para-seu-filho-nao-ter-caries.html>, extraído em 7 de julho de 2010.



Família marca GOAL de placa

Escola integra pais, alunos e professores em busca de melhores resultados na educação

Wellison Magalhães

Tinha torcida, jogadores, medalhas, público, professores, Hino Nacional e até vuvuzelas. Tinha roupas e danças africanas e tudo o que lembrava a Copa do Mundo na África do Sul. Mas na Escola Municipal Estanislau Ribeiro do Amaral, no bairro Cerâmica, em Nova Iguaçu, professores e alunos conseguiram ampliar o sentimento da copa, aproximando estudantes e pais, num mesmo projeto pedagógico: o *Estanislau na Copa – a copa das mães*.

O evento, que reuniu toda a comunidade escolar, teve a proposta de lembrar o maior evento esportivo de 2010 e propiciar a participação e o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos. Para a orientadora pedagógica Janaína Pereira, o projeto teve como alvo desenvolver a capacidade de discussão e visão crítica do aluno. Contudo, um dos fatores que mais contribuíram para o evento foi a necessidade de unir família e escola. “Usamos o projeto para trazer as mães para a escola e homenageá-las, aproveitando este tema da Copa do Mundo”, afirma.

Para atingir este objetivo, cerca de 300 alunos do turno da tarde iniciaram diversas atividades, com pelo menos 2 meses de

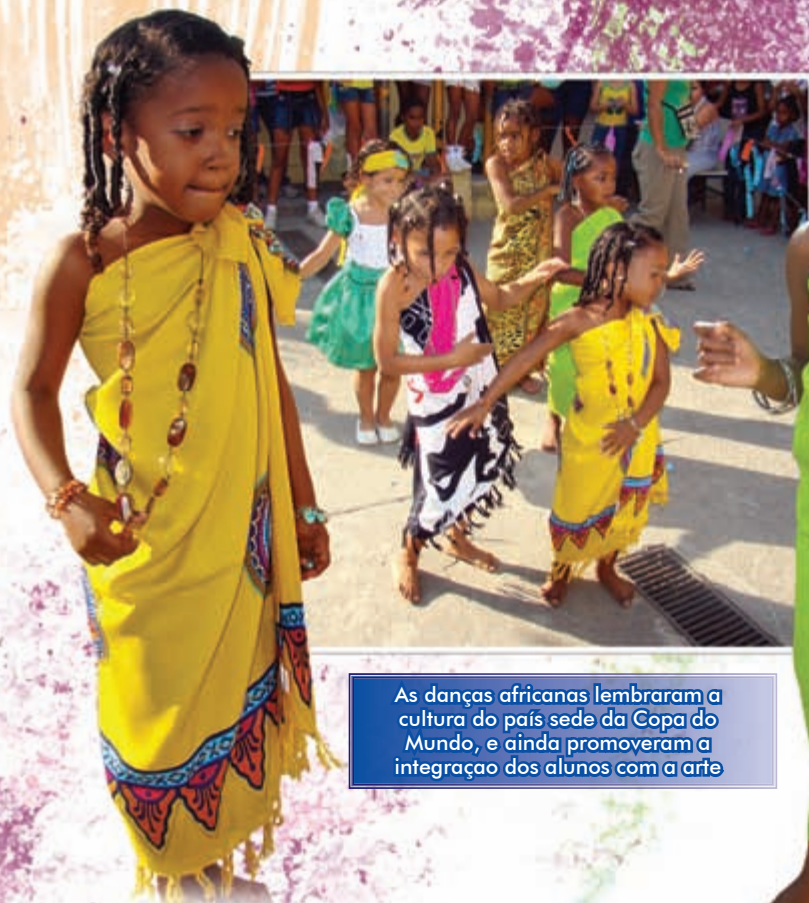
antecedência, até a culminância, fazendo pesquisas, trabalhos, sendo orientados pelos professores e ensaiando as apresentações que brilhariam para um público ávido por ver a arte dos estudantes. Como o clima era de Copa do Mundo, não podiam faltar futebol e muito menos as medalhas.

Na quadra da escola, os professores de Educação Física Ricardo do Nascimento, do turno da tarde, e Charles Paula, do período da noite, organizaram um futebol inusitado, entre as mães e as crianças. No final, com a vitória das mães, não faltaram as medalhas, que foram, a propósito, entregues a cada uma delas por seus respectivos filhos. Num outro espaço da escola a orientadora pedagógica liderou diversas brincadeiras, que também uniram as mães e os pequenos, com o apoio dos outros professores.

O sucesso do encontro era nítido. Para a diretora geral da instituição, Esther Martim Bernardo, um dos objetivos estava claramente atendido: “Quando a família participa cada vez mais da vida escolar do aluno, ele ganha num todo. Quando eles interagem com a escola, quem ganha é o estudante”, afirma, para logo depois visitar as salas com as ofi-



Embalados pela Copa do Mundo, e com motivação a mãis nas gincanas, os estudantes do Estanislau uniram brincadeiras com educação e fizeram uma grande festa na escola



As danças africanas lembraram a cultura do país sede da Copa do Mundo, e ainda promoveram a integração dos alunos com a arte

cinas. Nas salas de aula professores interagiam em diversos trabalhos com os pais dos alunos, que participaram, principalmente, de atividades manuais, como artes plásticas, confecção de objetos feitos com jornal, reaproveitamento de garrafas *pet* e confecção de bijuterias. Até um bingo de palavras africanas foi montado numa das salas da escola.

Num quadro, dezenas de palavras de origem africana foram escritas e os participantes do bingo iam colocando pedras nas palavras que apareciam nas cartelas. Palavras como Caculé (Cidade da Bahia), cafua (cova), fubá (farinha de milho) e berimbau (instrumento de percussão), apenas para citar algumas entre dezenas que foram expostas. A ideia era aprender brincando.

Para as mães presentes nas diversas atividades, o evento no Estanislau é, mais do que um encontro pedagógico, a oportunidade de fazer e aprender algo diferente mesmo. É o que diz Adriana Gonzaga, mãe da aluna Débora Gonzaga, 9 anos: "Não temos muitas atividades por aqui, e um evento como esse poderia acontecer mais vezes, pois aprendemos muito", afirma orgulhosa com seu trabalho manual.

Já para Catia Maria, avó de Tamiris, de 5 anos, a aproximação com o aluno faz uma

grande diferença. "Estou feliz por estar aqui, porque acho que crescemos muito e aprendemos bastante".

Já os jovens vibraram com tudo o que viram.

O estudante André Luiz, 10 anos, do 4º ano, disse ter aprendido muito com o encontro: "Adorei desenhar e contar com os professores me ajudando", respondeu timidamente, economizando ao máximo as palavras.

Além das atividades nas salas de aulas, e nas brincadeiras no pátio da escola, o evento *Estanislau na Copa* guardava ainda apresentações especiais dos pequenos estudantes. Um desfile de vestes africanas e uma pequena banda infantil, formada pelos alunos do 1º turno, foram o ponto alto das apresentações. Dirigidos pela professora Maria Celia, eles apresentaram músicas africanas e tocaram para animar a galera que estava assistindo as apresentações. Além deles, um grupo coreográfico dançou, embalado pela canção "Uma partida de futebol", da banda Skank.

Para Maria Celia, a importância da arte e da música é que "a expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa de toda criança", afirma animada com a apresentação de seus pupilos. A festa no Estanislau durou toda a tarde. Dezenas de pais e alunos se misturavam alegremente aos professores que acreditaram na necessidade de unir a todos, num fim comum, que era o de promover mais interação, comunicação e educação. Unindo tudo isso é possível dizer que eles fizeram um gol de placa. Um golaço!

Escola Municipal Estanislau Ribeiro do Amaral
Rua Aristotelina Mariano de Souza, s/nº – Cerâmica – Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26030-000

Tel.: (21) 2660-4811

Diretora: Esther Martim Bernardo

Fotos: Tony Carvalho



A integração entre pais e alunos foi um dos focos principais do evento. Mães e alunos sentiram-se orgulhosos, nas atividades e nos resultados ao final do encontro

Professores

Estes são os benefícios para os filiados da Appai



Jornal Appai Educar

(Veículo Técnico de Apoio ao Profissional de Educação)



Seguro de Acidente Pessoal Coletivo

(Invalidez)



Serviço Social



Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



Jurídico



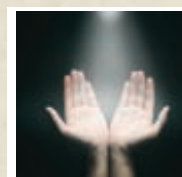
Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



Seguro de Vida em Grupo

(Morte e para algumas doenças graves)



Assistência Funeral

ANS - N° 38254-0

Médico Ambulatorial Básico Coletivo* (sem internação)

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

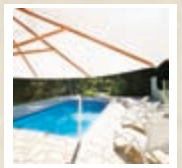
Odontológico Ambulatorial Básico Coletivo*

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais):



Plano Hospitalar Coletivo



Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

**Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

**A opção do desconto em folha estará disponível apenas para os órgãos ou entidades que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.